



ANA FLÁVIA NUNES DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO CRESCIMENTO DO MOVIMENTO
TALIBÃ NO AFGANISTÃO (1989 A 1996)**

João Pessoa

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANA FLÁVIA NUNES DA SILVA

**A INFLUÊNCA DA RELIGIÃO NO CRESCIMENTO DO MOVIMENTO TALIBÃ
NO AFGANISTÃO (1989 A 1996)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a conclusão do
Curso de Graduação em Relações
Internacionais da Universidade Federal da
Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh V. Ferreira

João Pessoa

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586i Silva, Ana Flávia Nunes da.

A influência da religião no crescimento do movimento talibã no Afeganistão (1989 a 1986)./ Ana Flávia Nunes da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2014.

58f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh V. Ferreira.

Monoografia (Graduação em Relações Internacionais) –



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 12 (doze) dias do mês de fevereiro de 2015, no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais da aluna **Ana Flávia Nunes da Silva**, sob orientação do **Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira**, intitulada "**A Influência da Religião no Crescimento do Movimento Talibã no Afeganistão (1989 a 1996)**",

Pelos Membros da banca foram atribuídas as seguintes notas:

Membro: Profª. Drª. Aline Contti Castro

Nota: 9.5 Assinatura: Aline Contti Castro

Membro: Profª. Ms. Xaman Korai Pinheiro Minillo

Nota: 9.5 Assinatura: Xaman

Membro: Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira

Nota: 9.5 Assinatura: marcos

A aluna foi Aprovada com a média final de 9.5.

OBS.: _____

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a ascensão do movimento Talibã no Afeganistão e a utilização da religião por parte deste para conseguir obter poder no país, tendo como foco, sobretudo, o período que vai de 1989 a 1996, quando a União Soviética deixa o país até o momento da tomada de Cabul e de grande parte das províncias do país. As origens do Talibã são controversas e para entendê-las é necessário uma retomada da história do Afeganistão, um emaranhado de dominações imbricado de períodos de grande influência das potências dominantes. O período da invasão soviética e as implicações deixadas por este, será enfatizado, pois a época referida foi, em grande parte, responsável pelas primeiras aparições do Talibã. Assim, a partir de uma revisão histórica do que vem acontecendo no Afeganistão nas últimas décadas, esse trabalho tem a finalidade de apontar como a religião se apresenta no país e como ela ganha força, mostrando a importância das *madrassas* (escolas de educação islâmica) e como o Talibã se utilizou destas, como fonte de poder para angariar seguidores e conquistar grande parte do país.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the rise of the Taliban movement in Afghanistan and the use of religion to achieve power in the country, focusing mainly in the period between 1989 and 1996, when the Soviet Union leaves the country until the capture of Kabul and other provinces. The origins of Taliban are controversial and to understand them an analysis of Afghan history is required, that is a domination tangled and intertwined by periods of great influence of the dominant powers. The period of the Soviet invasion and the implications left by this, will be emphasized, since that time was largely responsible for the first appearances of the Taliban. Thus, developing a historical review of what has been going on in Afghanistan in recent decades, this work aims to show how the religion is presented in the country and how it gains strength, showing the importance of *madrassas* (Islamic schools) and how the Taliban use them as a source of power to gain followers and conquer great part of the country.

Sumário

1. Introdução	8
2. Referencial Teórico-Conceitual: as definições de fundamentalismo e religião nas relações internacionais	11
2.1. Fundamentalismo Islâmico.....	12
2.2. Religião nas Relações Internacionais	15
3. Perspectiva histórica do Afeganistão	21
3.1. O período da Guerra Fria.....	23
3.2. A invasão soviética.....	24
3.3. A resistência aos soviéticos: os <i>mujahideen</i>	29
4. Ascensão do Talibã e seu desenvolvimento político na realidade afegã	34
4.1. Tentativas de governo <i>mujahideen</i>	38
4.2. Talibã: lideranças e objetivos	41
4.3. A conquista das cidades afegãs	43
4.4. Apoio externo	47
5. Considerações Finais	54
6. Referências Bibliográficas	57

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais e ao meu irmão pelo apoio dado durante todos estes anos de faculdade, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem a prosseguir. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Quero agradecer também ao meu orientador, o Professor Dr. Marcos Alan, por toda a paciência, o tempo e ajuda fornecidos durante a elaboração deste trabalho. Agradeço também a todos os professores de quem tive o prazer de ser aluna. Obrigada por todos os ensinamentos não só das disciplinas ofertadas na universidade, mas também os ensinamentos sobre a vida, vocês me ajudaram muito a amadurecer durante este período.

Obrigada também a todos os meus colegas de faculdade, os que desistiram e os que ainda continuam. A vocês que se tornaram grandes amigos, não só em sala de aula, como também nos momentos de diversão e em todas às vezes que precisei de ajuda.

1. Introdução

Este trabalho de conclusão de curso propõe uma análise da ascensão do movimento Talibã no Afeganistão e de que forma uma interpretação fundamentalista do Islamismo deu suporte a este processo como ideologia religiosa. Ao descrever historicamente o processo de formação do Talibã e da sua ascensão ao poder no Afeganistão, e ao analisar o envolvimento externo na formação e no crescimento do movimento é que se pretende entender a religião como suporte político para as mudanças ocorridas no país, que se encontra desde o final dos anos 1970, em uma guerra civil sem fim.

As origens do Talibã são controversas e há várias tentativas de explicação para o seu fortalecimento dentro do Afeganistão. O movimento pode ser entendido como produto da quebra da sociedade afegã (processo que vem ocorrendo desde a invasão do país por parte da União Soviética em 1979), da impunidade e do lapso de poder existentes no país, o que evidencia as diferenças tribais e étnicas de sua sociedade. Com isso, o Talibã foi capaz de angariar seguidores e se formar por pessoas que não tinham nenhuma experiência além da guerra e da violência, com um lapso de educação e valores culturais. Assim a imposição de um sistema de dominação rígido, extremo e simplista baseado em uma radical interpretação do Islã teve como ser implementado e até sustentado por muitos no país. (RENNER, 2002)

Apesar do desenvolvimento de uma *jihad* (guerra santa) violenta e incessante e da ascensão do islamismo político na década de 1980 no Afeganistão, e mesmo com as lendas relativas à conversão antecipada e generalizada do povo afegão ao Islã, a religião só recentemente foi de grande importância no país, vindo com toda a força a partir da ascensão do Talibã no país. (GOODSON, 2012)

O turbilhão em que o Afeganistão se encontra é o resultado de uma série de fatores perturbadores, incluindo medidas desastrosas por parte das potências, e dos países vizinhos, fluxos maciços de armas e lutas de poder entre os diversos senhores da guerra afegãos, que lutavam não só pela conquista do país, mas também entre si. (RENNER, 2002)

Pela capacidade de mobilização de um verdadeiro exército, angariado através de um discurso político-religioso direcionado a jovens que vinham sendo educados apenas nas *madrassas* (escolas de educação islâmica), e pela imposição de um rígido sistema de regras às cidades que foram conquistadas através do Islã, o crescimento do talibã no Afeganistão

será visto em uma perspectiva na qual a religião se apresenta como fonte de poder, no conceito da autora Mona Sheik (2011).

A ascensão do Talibã no Afeganistão também será explanada considerando-se as diversidades étnicas, e como estas influenciaram no processo. A influência de outros Estados na região (sobretudo a União Soviética, Estados Unidos, Paquistão, Irã e Arábia Saudita), assim como de agentes transnacionais e subnacionais será explanada ao longo deste trabalho, pois a importância desses atores foi essencial na história da guerra civil na qual se encontra o Afeganistão.

Sendo assim, este trabalho se dividirá em três capítulos. O primeiro trará o referencial teórico-conceitual dessa monografia, trazendo definições para o que vem a ser o fundamentalismo e concepções sobre a religião nas relações internacionais, levando em conta, sobretudo, seu uso como fonte de poder, na definição de Mona Sheik. Além disso, será apresentado neste capítulo como a religião pode ser entendida como ato de teologia pública, de acordo com Sandal.

O segundo capítulo se refere à invasão soviética, período no qual a guerra civil se inicia no Afeganistão e a insurgência *mujahideen* toma forma e vem lutando pelo país apoiada por vários atores externos e fragmentando ainda mais o país, sobretudo etnicamente.

No terceiro capítulo, será abordado o período que vai de 1989 a 1996, que se inicia com a saída da União Soviética do país, período também marcado pelo fim da Guerra Fria e pelas mudanças causadas no cenário internacional com isso, que também traz consequências ao Afeganistão. É neste período que os *mujahideen* tentam dominar o país, mas as lutas entre os diversos grupos etnicamente existentes tornam impossível que um governo centralizado fosse instituído. É também neste período que ocorrem as primeiras aparições do Talibã no país, época à qual este grupo passa a invadir e conquistar as primeiras províncias impondo seu sistema rígido de regras. O fim do período de análise é marcado pela tomada de Cabul, capital do Afeganistão, que se dá em 1996. É importante ressaltar que mesmo com a tomada da capital, o país nunca chega a ser inteiramente dominado pelo Talibã.

Neste capítulo serão ainda tomados em consideração os atores externos que exerceram e ainda exercem influência no país, de que forma se deu sua presença no Afeganistão e quais os interesses que os levam a isso.

Por fim, na conclusão, se apresentam algumas mudanças sociais geradas no país com todo este conturbado período e algumas perspectivas atuais para a situação do Afeganistão.

2. Referencial Teórico-Conceitual: as definições de fundamentalismo e religião nas relações internacionais

Para dar início à discussão sobre a influência da religião no fortalecimento do movimento Talibã no Afeganistão é fundamental que se entenda como a religião em si, pode exercer influência na política. Dessa maneira, a análise do movimento Talibã como ato de teologia pública ajuda a entender como este angariou forças dentro do Afeganistão e conseguiu chegar ao poder através de um discurso religioso fundamentalista.

É necessário também, que definamos previamente o que se entende por fundamentalismo religioso e por fundamentalismo islâmico e como esta forma de expressar opiniões religiosas ganha força dentro de determinados ambientes, sobretudo no caso do Afeganistão.

O fundamentalismo pode ser definido como:

[...] a crença de que há um conjunto de ensinamentos religiosos que claramente contém a fundamental, básica, intrínseca e essencial verdade inerente sobre a humanidade e a divindade; que esta verdade essencial é fundamentalmente oposta às forças do mal que devem ser combatidas com vigor; que esta verdade deve ser seguido hoje de acordo com as práticas fundamentais e inalteráveis do passado; e que aqueles que acreditam e seguem esses ensinamentos fundamentais têm uma relação especial com a divindade. (ALTEMEYER, HUNSMERGER, 1992, p 118, tradução nossa)¹

Há muitas críticas ao termo fundamentalismo. Para alguns, este possui certa conotação negativa, pois é sinônimo de atraso ou regressão. Conceitos que também vem sendo muito veiculados nos últimos anos são os de extremistas, militantes ou fanáticos. Assim como definir fundamentalistas é complexo, a utilização destes termos pode ser ainda mais confusa, pois podem possuir significado muito mais amplo. (BOSEMBERG, 2001)

O fundamentalismo não se limita a uma fé particular ou a um país específico, e o que os fundamentalistas de todos os credos e regiões têm em comum é a sua capacidade de adequar suas mensagens às situações desejadas. Eles também costumam exigir obediência incondicional, despendem grandes quantidades de energia na manutenção de limites entre

¹[...] the belief there is one set of religious teachings that clearly contains fundamental, basic, intrinsic, essential inerrant truth about humanity and deity; that this essential truth is fundamentally opposed by forces of evil which must be vigorously fought; that this truth must be followed today according to the fundamental, unchangeable practices of the past; and that those who believe and follow these fundamental teachings have a special relationship with the deity.

o puro e o impuro, além de alegar serem possuidores de uma “verdade”, vendo sua versão desta como absoluta e infalível. Fatores como o contexto social e a cultura política local tem muito a dizer sobre os rumos que o fundamentalismo pode tomar, sendo possível que haja influência na forma de organização política do Estado em que estão inseridos. (APPLEBY; MARTY, 2009)

O conceito de fundamentalismo religioso pode ajudar a explicar observações de autores que acreditam que a religião pode ajudar a criar e desfazer preconceitos. Autores como McFarland, Glock e Stark apontam especulações que o fundamentalismo pode esconder uma mente fechada, possuindo uma tendência geral à discriminação, podendo esta ser direcionada aos negros, mulheres, comunistas e homossexuais. (ALTEMEYER, HUNSBERGER; 1992)

Os líderes fundamentalistas costumam persuadir os crentes comuns a ter uma visão arraigada, na qual os ensinamentos que condenam a violência e a promoção da paz são menosprezados, através de interpretações estreitas e ideologicamente orientadas dos seus livros sagrados. Os fiéis que estão bem formados teológica e espiritualmente tendem a não ser suscetíveis a tais argumentos, porém, os crentes comuns nem sempre são suficientemente fundamentados nas tradições para combater a leitura seletiva dos textos sagrados escolhidos pelos líderes fundamentalistas. É por isso que os extremistas religiosos tendem a persuadir inicialmente os jovens e inexperientes. (APPLEBY; MARTY, 2009)

Em sua pesquisa Altemeyer e Hunsberger (1992) descobriram que os autoritários de direita tendem a agir religiosamente. Os entrevistados que não possuem religião tendem a ser os menos autoritários na amostra utilizada. Assim eles puderam chegar a constatar que o autoritarismo e certos tipos de religiosidade² acabam por se promover e sustentar mutuamente.

O fundamentalismo religioso, como apontado acima, pode vir sob muitas facetas. Uma delas, a do fundamentalismo islâmico, é o que virá a ser apresentado aqui. Assim, faz-se necessário um maior aprofundamento de que este se trata.

2.1. Fundamentalismo Islâmico

²A pesquisa foi realizada com uma amostragem composta por judeus, católicos, anglicanos, luteranos, menonitas, membro da United Church, cristãos. O que o autor denomina por “fundamentalistas”, que são os respondentes que de acordo com o questionário buscam uma gama mais ampla de temas religiosos do que simplesmente a busca pela verdade.

Com o fim da Guerra Fria e a necessidade dos Estados Unidos em encontrar um novo “inimigo” após o combate ao comunismo, Bosemberg (2001) aponta que a visão de que o Islã é atrasado e regressivo passa a ser propagada por parte dos EUA por todo o Ocidente. O Islamismo, o fundamentalismo e o terrorismo acabam se tornando estes novos “inimigos” que constituem a identidade de um fantasma perigoso que assombra o mundo, constituindo a grande ameaça para a nova ordem mundial e a democracia. A violência seria sua única ação política; o sectarismo, o fanatismo e o terrorismo seriam as suas únicas manifestações. Assim o Mundo Islâmico passa a ser pintado como se fosse um só, e gera-se a crença de que os fundamentalistas são todos a mesma coisa: a guerrilha no Afeganistão, os clérigos islâmicos no poder no Irã, a Irmandade Muçulmana no Egito, os guerrilheiros Hezbollah no Líbano, a Frente Islâmica de Salvação na Argélia.

Porém, para entender o real significado do fundamentalismo islâmico devemos examinar a vitalidade do Islã, a história de suas relações com o Ocidente, a diversidade na orientação de políticas e estratégias que caracterizam o fundamentalismo.

O renascimento islâmico dos anos 1950/60 teve muitas manifestações, mas foram as políticas militantes novas que tiveram os efeitos mais dramáticos. Líderes como Sayid Qutb e Khomeini conduziram discursos militantes islâmicos que influenciaram todo o mundo muçulmano, defendendo um retorno aos textos fundamentais do Islã e a implementação de um Estado Islâmico através da sharia. Além disso, estes militantes defendiam o martírio e a jihad (guerra santa). (MURDEN, 2001)

O fundamentalismo islâmico do século XX é a expressão de um longo processo de reestruturação do universo simbólico da cultura pré-colonial do Oriente Médio, alimentando uma longa série de comportamentos políticos. Isso significa um retorno à lei islâmica e a interpretação criativa da lei divina no contexto da mudança de circunstâncias e rejeição de elementos não-islâmicos do Islã. É a tentativa de purificar a religião para executar toda a sua força de vida. É uma regeneração baseada na idealização do período clássico do Islã. (BOSEMBERG, 2001)

O Islã vem ganhando força nos últimos dois séculos, mas nas últimas décadas seu avivamento se mostra cada vez maior em todas as partes do mundo muçulmano. A religião tornou-se um movimento de massa, inspirando todo o mundo muçulmano e instigando o fundamentalismo, na busca pela recuperação de uma auto-identidade muçulmana através de um forte compromisso com o caminho do Islã. (RAJASHEKAR, 1989)

De acordo com Mansoor Moaddel (1996, pp. 331, tradução nossa), o fundamentalismo islâmico pode ser definido como: “um movimento revolucionário ideológico que visa uma reorganização total da sociedade de acordo com os ensinamentos islâmicos sobre praticamente todos os aspectos da vida social que vão desde o estilo de vestir a questões políticas e econômicas mais amplas.”³

Bosemberg (2001) aponta algumas características e proposições comuns aos fundamentalistas islâmicos:

Apesar da variedade de definições - específicas e gerais -, descrevemos uma série de características comuns ou proposições gerais dos fundamentalistas islâmicos: a busca da identidade e autenticidade; nenhuma distinção entre religião e política, uma vez que não havia nenhuma à época de Maomé; o ser militante ou ativo, em vez da tradicional passividade de muitos, especialmente dos setores populares, como o Alcorão diz: "Deus não muda a condição do povo até que o povo mude"; a crença de que todos os dias devem ser islamizados; o estabelecimento da lei islâmica como a lei fundamental em vez dos códigos legais de origem europeia que começaram a ser implementados no século XIX; crença em Maomé como líder dos oprimidos; visão da era do primeiro Estado do profeta, o jiyra (622) até sua morte (632), como dourado e cheio de justiça e igualdade; a idéia de que o domínio europeu foi possibilitado pelo afastamento do Islã e a pretensão de recriar as comunidades, restaurando a moral e instaurando a sociedade dos virtuosos, encarregados de internalizar os princípios islâmicos. (p. 148, tradução nossa)⁴

O Islã militante também se opunha à modernização. O liberalismo político praticado no Ocidente e o Islã representam duas ontologias diferentes de como entender, apreciar e se comportar no mundo. O liberalismo é uma visão de libertação econômica, escolha individual e remoção de restrições sociais, enquanto o Islã prega uma visão de submissão a Deus, e a ordem social. Ao contrário do que é pregado pelo pós-Iluminismo ocidental, de que um mundo melhor virá, no Islã militante os muçulmanos anseiam pelo retorno ao passado, período no qual havia o sistema político islâmico ideal, com seus princípios eternos baseados no Alcorão (sistema existente nos primeiros anos do Islã). (MURDEN, 2001)

³ [...] an ideological revolutionary movement aimed at a total reorganization of society according to Islamic teachings on virtually all aspects of social life ranging from the style of dress to broader political and economic issues.

⁴ A pesar de la variedad de definiciones -específicas y generales-, podemos describir una serie de características comunes o propuesta general de los fundamentalistas islámicos: la búsqueda de una identidad y autenticidad; la no distinción entre religión y política, puesto que no la hubo en la época de Mahoma; el ser militante o activo en vez de la tradicional pasividad de muchos, sobre todo de sectores populares, ya que el Corán dice: "Dios no cambia la condición de la gente hasta que la gente haya cambiado"; la creencia en que la cotidianidad debe ser islamizada; la instauración de la ley islámica como ley fundamental en vez de aquellos códigos jurídicos de origen europeo que se comenzaron a implantar en siglo XIX; la creencia en Mahoma como líder de los oprimidos; la visión de la época del primer Estado del profeta, de la jiyra (622) hasta su muerte (632), como dorada y llena de justicia e igualdad; la idea de que la dominación europea fue posible por el alejamiento del Islam y la afirmación de recrear las comunidades, restaurar la moral e instaurar la sociedad de los virtuosos, encargados de interiorizar los principios islámicos.

Dessa forma, o fundamentalismo islâmico, como visto acima, é apontado como uma das variáveis que mais influenciam na disciplina e organização do movimento talibã. Posto isso, a análise deste regime pretende se basear em teorias que expliquem essa capacidade de mobilização a partir de uma crença que gera consequências políticas.

2.2. Religião nas relações internacionais

Para uma análise da ascensão do regime Talibã no Afeganistão e da forma como o Islã deu suporte a este processo como ideologia religiosa, faz-se importante o uso de um método analítico que ajude a explicar fenômenos políticos através da religião.

Mona Sheik (2011) aponta a importância de explicar os fenômenos das relações internacionais através da religião, na medida em que pode ser relacionada com o comportamento social para diferentes níveis de análise (atores políticos individuais, Estado e movimentos transnacionais). Fenômenos como o nacionalismo e as ideologias políticas podem, assim, ser estudados como fenômenos religiosos. Para isso, três conceitos são importantes para análise nas relações internacionais: religião como comunidade de crença, religião como fonte de poder e religião como ato discursivo.

Como comunidade de crença, a religião é relevante para entender como construções identitárias religiosas e interpretações de ética religiosa e doutrinas influenciam as condições de possibilidade para as escolhas que os atores políticos fazem. No caso do crescimento do Talibã, entender a religião como comunidade de crença ajuda a explicar como os líderes do movimento se utilizaram do fundamentalismo islâmico como ferramenta não só para mobilizar mais adeptos, mas, sobretudo para direcionar o modo como as decisões seriam tomadas. (SHEIK, 2011)

Como ato discursivo a religião pode atuar como um interesse nos efeitos de securitização e pode ajudar nas análises de conflito. A perspectiva de ato discursivo pode ser aplicada como uma alternativa para o estudo do ativismo político-religioso, tentando mostrar se os atores político-religiosos agem em nome de um enunciado sobre uma ameaça, e na forma como eles conseguem securitizar a situação. (SHEIK, 2011)

Isto implica que a sobreposição do discurso religioso e político é problemático. Por exemplo, os discursos dominantes sobre o Islã não só representam o Islã em termos de fé, mas também em termos de ação correta e é preciso incluir esse aspecto quando se trata de discursos sobre religião neste caso. Os discursos que utilizam a religião como doutrina

também geram capacidade de conflito, por se enraizarem na representação de diferenças doutrinárias (Islã x Ocidente, por exemplo), problema presente no contexto afgão. (SHEIK, 2011)

Qualquer um dos três “caminhos” apontados por Sheik (2011) para a inclusão da religião de forma substancial nas análises das relações internacionais pode ser útil para explicar a ascensão do regime talibã dentro do Afeganistão. Porém, a autora coloca que esses três meios carregam diferenças em interesse analítico, e para os propósitos deste trabalho tratar o Islã como fonte de poder, que serviu de base para angariar seguidores para o movimento Talibã, é o meio mais útil para entender as bases de sua ascensão, sendo relevante para entender as questões de racionalidade e legitimidade por trás da ação política.

Sheik (2011) ainda coloca que podemos analisar a religião como fonte de poder em determinados contextos, como no do Afeganistão, onde entender o porquê do exército *mujahideen* ter se formado contra o exército soviético é bem mais apropriado quando se utiliza a religião como fator explicativo. Ao entender a capacidade de mobilização do movimento talibã, o uso da religião como fonte de poder também se aplica, pois o tipo de educação (religiosa, nas *madrassas*) que os jovens participantes do movimento vinham recebendo ajuda a explicar isto.

Nas análises de relações internacionais a religião como fonte de poder com capacidade de moldar interesses a ação política e identidades, ainda não é muito levada a sério, sobretudo por sua recente utilização. Destarte, alguns trabalhos recentes sobre a teologia política internacional vêm apontando nessa direção. Assim, a centralidade do Estado nas análises vem sendo desafiada e argumentos de que a religião, como qualquer organização política, pode fornecer um sistema assertivo de regras, tem se apresentado em análises de relações internacionais. Um exemplo deste tipo de estudo é apontado por Mona Sheik, no qual Mark Juergensmeyer, em sua análise comparativa da rebelião religiosa contra o Estado secular, tem notado que a religião tem as mesmas prerrogativas que o Estado secular, uma vez que ambos podem afirmar e possuir a capacidade de fornecer segurança, justiça e ordem, além de mobilizar legitimidade popular como forma de garantir as primeiras. (JUERGENSMEYER apud SHEIK, 2011)

No entanto, uma vez que eles aparecem como forças competitivas nestes domínios, os ativistas político-religiosos e o Estado podem facilmente adotar posições de hostilidade entre si. Assim, a implicação do argumento de Juergensmeyer é que a religião não é apenas

uma fonte de resistência, mas tendo as mesmas prerrogativas que o Estado, acaba se tornando um desafio fundamental para as justificativas que podem ser feitas em nome de Estados e para seu monopólio legítimo da violência.

A conexão entre racionalidade religiosa e ação legítima é o cerne da questão ao analisar a religião como fonte de poder e legitimidade. Esta racionalidade religiosa pode ser melhor detectada em termos de práticas e discurso. Ao mesmo tempo, deve se assumir que outras formas de racionalidade que o indivíduo e seus objetivos tenham, também influenciam os indivíduos e os grupos religiosos e que a autoridade religiosa sancionada desempenha um importante papel frente ao Estado, mesmo que este seja laico. (SHEIK, 2011)

No que tange ao fundamentalismo, descrito inicialmente, uma soma de teologias públicas é utilizada para promover os objetivos de organizações com este cunho, que não se coibem da utilização de métodos violentos. Os sistemas de crenças nos quais se baseiam os fundamentalistas, incluindo os que permitem atos de terror, variam de acordo com a história ou tradição cultural do local onde surgem. Assim, as estruturas utilizadas para investigar uma organização fundamentalista precisam ser sensíveis a fatores contextuais. Cada movimento fundamentalista tem uma origem e trajetória de desenvolvimento únicas que leva a difusão de teologias públicas locais a nível transnacional. (SANDAL, 2012)

O que chamamos de “religião” na agenda de pesquisa da ciência política ou das relações internacionais é, geralmente, a soma de teologias públicas convergentes ou conflituosas. As teologias públicas servem como “indicadores” ou manifestações observáveis da religião, capturando sutilezas que a religião, como um conceito analítico, não consegue capturar. (SANDAL, 2012)

Teologias públicas têm sido definidas como a reflexão e as implicações de uma religião nas atividades que acontecem no espaço comum, incluindo a vida política e social. No entanto, não tem sido sistematicamente empregada para investigar questões de crença religiosa e assuntos internacionais. (SANDAL, 2012)

Teologia pública pode ser facilmente confundida com os conceitos de tradição, ética pública, religião civil e teologia política. Assim é necessário que se faça a distinção entre estes. Tradição não possui necessariamente um componente religioso. Teologias públicas, por outro lado, converge tradição especialmente com as dimensões espirituais e espaciais. No entanto, elas são focadas o suficiente para ser uma variável nos estudos de religião e relações internacionais.

Ética pública não possui necessariamente uma dimensão religiosa, não tendo que ser produzida ou publicamente defendida por uma instituição ou autoridade religiosa. Teologia pública, por outro lado, possui uma perspectiva baseada na fé em uma questão pública local ou global. Ao contrário de religião civil, que, em sua forma atual, denota o emprego de mitos e símbolos para apoiar as práticas de um país ou grupo, a teologia pública, como um termo, é normativamente neutro.

A teologia política está preocupada com as bases teológicas de discursos políticos, mas sua trajetória na literatura acadêmica reduz o público às políticas partidária ou governamental, e entende o Estado como a instituição que comprehende e orienta todas as outras esferas da sociedade. A teologia política pode ser vista como um subcampo da teologia pública. A teologia política não é tão flexível como a teologia pública, na medida em que não inclui os atores transnacionais ou subestatais na formação de perspectivas religiosas em relação ao mundo político.

No estudo de uma teologia pública no âmbito das relações internacionais, há quatro dimensões principais para a constituição de uma abordagem teórica, são elas: substantiva, espiritual, espacial e temporal. A dimensão substantiva, com a sua relação com as dimensões espiritual, espacial e temporal, ajuda a contextualizar as manifestações de fé e formar um conceito através do qual a religião pode ser mais passível de ser utilizada para as pesquisas de ciência política e relações internacionais. Essa interação entre a dimensão substantiva com as demais leva a manifestações de fé na esfera pública. (SANDAL, 2012)

Em relação à dimensão espiritual, por definição, uma teologia pública deve coexistir com uma religião ou um quadro espiritual principal. Assim, em resumo, a teologia pública é uma estrutura conveniente através da qual os estudiosos de relações internacionais podem discutir a dinâmica inter e intra-fé das relações econômicas, sociais e políticas. As teologias públicas também precisam ter uma dimensão espacial intrínseca, um local no qual possam se desenvolver e criar raízes. Esse local pode ser um país ou qualquer outro espaço que tenha uma história e cultura únicas. A importância do espaço no entendimento das teologias públicas reside no fato de que uma mesma tradição pode ter diferentes manifestações públicas em diferentes estruturas de poder político e econômico. Além disso, as teologias públicas de governo diferem entre os locais. Cada tradição de fé influencia e é influenciada por atores estruturais, e essa relação pode ser observada quando uma variável de teologia pública é utilizada. É possível também haver mais de uma teologia pública em um mesmo local que seja área de influência de uma mesma tradição.

Assim, é importante reconhecer as estruturas na esfera pública para que se descubram as razões de algumas teologias públicas ganharem mais destaque que outras. (SANDAL, 2012)

Além disso, as teologias públicas são válidas apenas por um determinado período de tempo. Variáveis temporais capturadas pela estrutura da Teologia Pública são especialmente importantes em estudos internacionais, porque o que é religiosamente aceitável para a comunidade agora pode não ser aceitável na próxima década e isso traz sérias implicações para a política internacional. A dimensão temporal também influencia como a teologia pública se apresenta, pois o tempo pode mudar a forma como esta gera transtornos a determinado local. (SANDAL, 2012)

Assim, de acordo com Sandal (2012) integrantes de determinadas religiões (católicos, muçulmanos sunitas, por exemplo), como comunidades de crentes, transferem suas crenças (dimensão espiritual) para as instituições democráticas (dimensão substantiva). O grau de separação entre Estado e religião, o legado de repressão política, a concorrência com as tradições rivais (dimensão espacial), frustrações das massas em uma ordem mundial secular e competitiva, e as tentativas de conciliar as práticas político-religiosas do passado com o presente (dimensão temporal) são essenciais para a análise comparativa de uma estrutura política baseada na fé.

O Talibã pode ser visto em perspectiva da utilização da religião como ato de teologia pública, no conceito de Sandal definido acima. Isso se dá porque o movimento reflete as implicações que a doutrina religiosa por eles adotada, o Islã, deixa na sociedade ao introduzir uma disciplina baseada em uma rigorosa interpretação dos livros sagrados da religião.

Destarte, é necessário que se entenda, sobretudo, as dimensões temporal e espacial nas quais o movimento talibã surge no Afeganistão, motivos os quais tornam possível a expansão deste. É também necessário entender as dimensões substantiva e espiritual através das quais os talibãs angariam seguidores no tempo e espaço estudados. Desse modo, a seguir, serão explanados o contexto temporal e espacial nos quais o movimento talibã surge e se expande, esclarecendo a forma como este teve a capacidade de angariar tantos seguidores.

O movimento também será analisado como utilizador da religião como fonte de poder (na definição de Mona Sheik). Assim, através da explanação do contexto de surgimento do movimento talibã, será analisada a religião que está por trás do seu

crescimento e como esta acaba se tornando uma das principais fontes de poder para que os talibãs consigam se alastrar por todo o Afeganistão, tomando as principais cidades do país e finalmente se instalando como a fonte de poder político.

3. Perspectiva histórica do Afeganistão

A história do Afeganistão teve muitas influências dos impérios ao seu redor, por estar ao longo de rotas comerciais importantes, e a última fase desta luta de influências se deu no contexto da Guerra Fria onde milhares de milhões de dólares e uma massiva quantidade de armas destrutivas foram levadas ao país em apoio aos grupos que vem lutando no Afeganistão por boa parte dos últimos 25 anos. (SULLIVAN, 2007)

O Afeganistão é um país dominado pela diversidade étnica, possuindo uma população dividida em 38% de pashtuns, 25% de tajiques, 19% de Hazaras e 6% de uzbeques. Os *mujahideens* foram um grupo etnicamente diverso, possuindo membros de etnias diversas. Já os talibãs não são, eles formam um grupo, em sua maioria, Pashtun, sociedade de origem tribal, se impondo em uma nação etnicamente diversificada (LASKA, 2001) (POWELL, 2001)



Disponível em: www.mapsofworld.com

As terras habitadas pelos pashtuns ou afegãos formavam fronteiras vagamente definidas entre o Irã e a Índia antes da chegada do imperialismo europeu e do sistema de Estado Moderno. Porém, com o naufrágio simultâneo dos impérios Safávida (Pérsia) e Moghul (Índia), em meados do século XVIII Ahmad Shah Durrani, um chefe tribal afegão,

que havia liderado a cavalaria do governante da Pérsia conseguiu fundar um império na região em 1747. (RUBIN, 1988)

Este império formado seria o precursor do Estado afgão atual, embora este jamais tenha sido um país unificado. Essa união é dificultada pela lealdade arraigada às comunidades locais, além das limitações do alcance do Estado (visto negativamente, na maioria das vezes, por suas ameaças de tributação e recrutamento). Dessa forma, há um enorme abismo entre o Estado e a sociedade, tendo o primeiro, dificuldades de controlar o país. (SULLIVAN, 2007)

Durante grande parte do século XIX o Afeganistão se viu em meio ao tumulto gerado pela expansão dos impérios britânico e russo ao redor de suas fronteiras. À medida que o Império Britânico se expandiu a noroeste do subcontinente indiano em direção à Ásia Central, ele primeiro tentou conquistar o Afeganistão e, em seguida, depois de duas guerras anglo-afegãs, instalou-se usando o país como um amortecedor contra o império russo que se estabelecia ao norte, criando algumas fronteiras que os separavam. (RUBIN, 2007)

No século XX, a dissolução desses impérios corroeu o acordo de segurança gerado pela criação destas fronteiras. Em 1919 se deu a Terceira Guerra Anglo-Afegã que culminou com o reconhecimento pleno da soberania do Afeganistão. O primeiro soberano do país, o rei Amanullah, tentou construir um Estado forte nacionalista. Sua utilização de recursos escassos para o desenvolvimento deste tipo de Estado, deixou-o vulnerável à revolta, e seu esforço entrou em colapso depois de uma década. Os britânicos ajudaram o outro concorrente, Nader Shah, a consolidar uma forma mais fraca de governo no país. No final de 1940, veio a independência e divisão da Índia, que alterou dramaticamente as participações estratégicas na região. Com isso tensões foram deflagradas imediatamente entre o Afeganistão e o Paquistão, levando o Afeganistão a depender da ajuda de Moscou para treinar e fortalecer seu exército. (RUBIN, 2007)

3.1.O período da Guerra Fria

Durante as primeiras décadas da Guerra Fria, o Afeganistão seguiu uma política de não-alinhamento com as duas superpotências tendo desenvolvido regras informais de convivência na região onde cada uma dava suporte a diferentes regiões e instituições do país. (RUBIN, 2007) No contexto interno, o país passava por uma forte pressão para

reestruturação do seu Estado em relação à organização política e a infra-estrutura. Além disso, as relações com o vizinho Paquistão continuavam conflituosas, havendo embates e disputas pela remarcação das linhas fronteiriças. (RIEGER; TEIXEIRA, 2012)

Em meio a essa conturbada situação o rei do Afeganistão Mohammad Zahir Xá, convocou seu primo Mohammed Daoud para que ele se tornasse o seu primeiro ministro no intuito de realizar mudanças no país. A priori, os objetivos do Primeiro Ministro constavam em renegociar as fronteiras com o Paquistão, acelerar o processo de *state-building* e se entender com os Pashtuns, para isso se fazia necessário o suporte externo financeiro e militar. Daoud se nega a uma abertura à URSS, e tenta aproximação com os Estados Unidos em 1953-54, porém o país se negou a mediar as conversas com o Paquistão e em oferecer suporte militar, pois não acreditava que o Afeganistão fosse tão estrategicamente importante quanto seus vizinhos. (RIEGER; TEIXEIRA, 2012)

Considerando as relações ambíguas do período, Daoud então pede ajuda à URSS que aceita o pedido do Afeganistão fornecendo ajuda militar e econômica para a região, motivada em transformar o país em um foco para a expansão do alcance soviético na região. Porém, mesmo com a ajuda soviética, as reformas fronteiriças não foram concluídas e as relações Afeganistão-Paquistão se deterioraram cada vez mais, e Daoud tenta novamente atrair a ajuda americana para a região, tendo o pedido negado em 1961. Isso se dá porque os Estados Unidos, apesar de tentarem barrar a expansão soviética no Afeganistão, estavam também envolvidos na Guerra do Vietnã que dispendia grande efetivo militar e investimentos do país, dificultando a tomada de importância em relação a Cabul. (RIEGER; TEIXEIRA, 2012)

Em 1963, Daoud renuncia, no entanto, volta ao governo depois da iniciativa do rei de aplicar a “experiência da democracia”. A medida tornou possível a criação de movimentos de oposição e três parlamentos não partidários. Essa abertura aos movimentos oposicionistas leva o Afeganistão entre 1960 e 1973 a uma crise política turbulenta que envolvia facções pró-soviéticas, pró-Islâmicas e o Partido Democrático Afegão (PDPA). Em julho de 1973, aproveitando uma visita do rei a Roma, Daoud toma o poder através de um golpe de Estado com apoio dos militares, proclamando o Afeganistão como uma República. (RIEGER; TEIXEIRA, 2012)

Por volta de 1975, Daoud começa a se distanciar das políticas dos aliados soviéticos, reforçando suas relações com os outros países muçulmanos e restabelecendo as

relações com o Paquistão e o Irã. Estas medidas acabaram por deteriorar as relações com a União Soviética e há incidentes recorrentes que agravam a situação:

Em abril de 1978, o assassinato de Akbar Khayber, editor do jornal do partido Comunista em Cabul, irá desencadear manifestações de rua maciças nas áreas urbanas. A magnitude dos protestos mostrou a fraqueza de Daoud no comando da situação nas ruas, o que irá levá-lo a pedir a prisão dos principais líderes comunistas do Afeganistão. O fato leva a um golpe em Estado de 27 de abril de 1978, quando o palácio presidencial foi atacado por tropas afgãs tomar o palácio, matando Daoud, sua família e seu gabinete. (FORIGUA-ROJAS, 2010, pp 194. Tradução nossa)⁵

Este fato e a aliança entre a URSS e o PDPA culminam no assassinato de Daoud, seu gabinete e sua família, no dia 27 de Abril de 1978. Desde então, o Afeganistão é declarado como uma Republica Democrática, tendo ligações extremamente importantes com a União Soviética. (RIEGER; TEIXEIRA, 2012) Este golpe, por oficiais militares comunistas, levou ao poder uma facção radical cujas políticas duras provocaram insurgência, trazendo como presidente Hafizullah Amin. (RUBIN, 2007)

Considerando-se as duras políticas implementadas e a disparidade cultural que vinha sendo fomentada, a União Soviética teme um possível desalinhamento com suas políticas no contexto da Guerra Fria, que seria prejudicial nos campos econômico e político. Assim, uma intervenção militar na área passa a ser cogitada. (RIEGER; TEIXEIRA, 2012)

3.2.A invasão soviética

Além da complicada situação interna pela qual passava o Afeganistão, um dos principais motivos que levam a União Soviética a invadir o país é a percepção do conflito a partir da ótica da Guerra Fria. Isso ocorre a partir da perda do Irã por parte dos Estados Unidos, fazendo com que a URSS passe a temer que os norte-americanos movessem suas bases para o Afeganistão ou Paquistão. (FORIGUA-ROJAS, 2010)

⁵En abril de 1978 el asesinato de Akbar Khayber, redactor del periódico del partido comunista en Kabul, va desencadenar masivas manifestaciones callejeras en las zonas urbanas. La magnitud de las protestas mostró a Daud su escaso dominio de la situación en las calles, lo que lo llevará a ordenar la detención de los principales líderes comunistas de Afganistán. El hecho lleva a un golpe de Estado el 27 de abril de 1978, cuando el palacio presidencial es atacado por las tropas afganas que toman el palacio, asesinando a Daud, su familia y su gabinete.

Com a União Soviética ganhando um pouco mais de influência no Afeganistão, antes mesmo de 1978, a política dos Estados Unidos se concentra em barrar esta influência, considerando seu controle exercido não só sob o petróleo da região como também o controle das rotas comerciais através do Mar Arábico e ao longo da costa do Irã e do Paquistão até o fim dos anos 1970. (HARTMAN, 2002)

Além disso, a União Soviética também estava apreensiva com o novo regime iraniano e sua proximidade com os movimentos fundamentalistas que desde meados da década de 1970 vinham ganhando força, e neste momento atuavam contra o governo afegão. Com isto a necessidade de invadir o Afeganistão parece cada vez mais premente, o que gerava reações em outros atores como a China e o Paquistão. (FORIGUA-ROJAS, 2010)

Em 25 dezembro de 1979, a União Soviética enviou suas forças armadas para trazer uma facção comunista alternativa ao poder, matando Hafizullah Amin e nomeando o secretário-geral do Partido Popular Democrático do Afeganistão (PPDA), Brabak Karmal, como Chefe de Estado e do Conselho Revolucionário, instaurando um regime soviético no país. A população não se entusiasmou com o golpe e a resistência contra o governo Amin passou a ser direcionada ao novo governo. (FORIGUA-ROJAS, 2010)

Ao invadir o Afeganistão, a União Soviética esperava um conflito rápido no qual o uso das tropas seria limitado apenas para garantir uma transição ordenada depois de um golpe sangrento. Porém, a resistência a modernização, a multietnicidade existente e certa aversão ao socialismo que se apresentavam no país, além da resistência às interferências estrangeiras e das condições geográficas extremas do país tornaram o conflito mais longo do que se esperava. A resistência afegã era formada por conglomerados de organizações pouco homogêneas, mas que tornavam impossível o controle soviético, essas organizações podiam ser divididas em três grandes grupos: os *mujahideen*, os árabes e os grupos tribais. Soma-se a isso a influência do fundamentalismo islâmico (presente em todos os grupos) que de acordo com Forigua-Rojas (2010) surge como um ator determinante e marco do conflito com os soviéticos, isso porque a grande maioria dos soldados que se voltaram contra o governo eram crentes e a defesa do Islã os motivava a lutar. Assim, a religião era usada como fonte de poder, para que os objetivos políticos de destituição dos soviéticos fossem alcançados.

A invasão também se deu em prol da utilização da região como Estado tampão para tentar barrar a influência dos Estados Unidos na região do Golfo. Para conter esta

dominação, os Estados Unidos passa a enviar ajuda militar e financeira aos *mujahideens* secretamente, desde julho de 1979 (grupo visto como a resistência afgã aos soviéticos) e a partir de 1987, no governo Reagan (com o combate ao comunismo ainda mais acentuado) esses investimentos foram incrementados. Além disso, os Estados Unidos bloquearam soluções diplomáticas ao longo do período, pois era preferível punir os soviéticos por suas ações no Afeganistão. (HARTMAN, 2002)

Os Estados Unidos, o Paquistão, a Arábia Saudita e outros países começaram a gastar milhares de milhões de dólares para apoiar os *mujahideen* afgãos anticomunistas e seus auxiliares Árabes Unidos, transformando a insurgência em uma jihad contra os invasores soviéticos. (RUBIN, 2007)

A principal motivação dos Estados Unidos para apoiar militarmente os combatentes anti-soviéticos é econômica e pretende manter a hegemonia na região do Golfo e controlar o petróleo do Oriente Médio. Mas esta não é a única motivação na formação da política, a “ameaça vermelha” que a União Soviética representava foi a principal ferramenta utilizada para mobilizar a opinião pública nacional e atingir a militarização. (HARTMAN, 2002)

Os Estados Unidos pretendiam agir apenas indiretamente no conflito, tendo como principal objetivo limitar a influência da União Soviética na Ásia Central. Em resposta à invasão soviética do Afeganistão, Carter declarou o Golfo Pérsico e o Sudoeste da Ásia como a terceira zona de segurança do Oriente. E foi a preocupação com o petróleo que sempre dirigiu a política pós-invasão por parte dos EUA. O papel dos Estados Unidos no Afeganistão foi definido através de uma rara concordância nacional na era dos conflitos da Guerra Fria. Os poderes Legislativo e Executivo estavam unidos em se opor à invasão soviética. (HARTMAN, 2002) (MAASS, 2001)

A política dos Estados Unidos no conflito começou a tomar forma quatro dias após a invasão soviética de 25 de dezembro de 1979. Carter rapidamente aprovou um plano no qual a CIA era instruída a fornecer suprimentos militares e assistência humanitária aos *mujahideen*. A maior parte desses recursos foram dispendidos em armas. A CIA também ajudou os paquistaneses a estabelecer escolas de guerrilha e sabotagem urbana para os *mujahideen*. Os Estados Unidos tinham que permanecer aliando-se secretamente a estes grupos, por causa das atitudes anti-americanas deles. (HARTMAN, 2002)

No governo Reagan essa ajuda aos grupos insurgentes que lutavam contra a dominação soviética no Afeganistão foi incrementada e de acordo com uma matéria do Time de 1983, oficiais vazaram a informação de que o presidente havia ordenado um

incremento na quantidade e na qualidade das armas enviadas ao país. O projeto de lei para o envio de armamentos ao Afeganistão girava em torno de 30 e 50 milhões de dólares por ano com suporte da Arábia Saudita que também se preocupava com a ameaça militar soviética na área do Golfo Pérsico.

Para entrar nesta guerra contra a União Soviética secretamente, os Estados Unidos consideraram que era necessário aliar-se ao Paquistão e a Arábia Saudita, essas alianças acabaram por garantir que o crescente movimento pan-islamista se solidificasse através do dinheiro e das armas fornecidos pelo programa norte-americano. (HARTMAN, 2002)

O papel da Arábia Saudita nessa aliança se deu por sua vontade de corresponder aos fundos norte-americanos fornecidos aos *mujahideen*, e se tornou uma oportunidade única para o país ganhar influência na região. Essa influência se deu, sobretudo em espalhar o *wahhabismo*⁶ através dos campos de refugiados que estavam financiando no Paquistão. (HARTMAN, 2002)

No fim da década de 1980, de acordo com Andrew Hartman (2002) os Estados Unidos passam a incrementar o projeto de destituição do regime soviético que se instaurara no Afeganistão desde 1979. Com esta finalidade o país passa a apoiar cada vez mais, financeiramente, logisticamente e militarmente os *mujahideens*, que eram vistos como a resistência ao regime soviético no Afeganistão. Este grupo, formado nas *madrassas* (escolas de educação islâmica), recebia uma forte doutrinação teológica, além da ajuda financeira e militar, fornecidas pelos Estados Unidos, como forma de gerar resistência à dominação soviética. Esta guerra pela qual o país passou, por receber influência dos dois polos opostos envolvidos na Guerra Fria, leva milhões de dólares e uma surpreendente quantidade de armas destrutivas às facções que vinham lutando no Afeganistão.

Não só os Estados Unidos se envolvem no conflito. Os chineses também passam a apoiar alguns dos grupos afgãos que lutavam contra os soviéticos. E o Paquistão passa a ser um dos principais atores no contexto, pois não via com bons olhos o avanço soviético em um país no qual possuíam interesses econômicos além de possuírem vários vínculos tribais na região. Assim o país passa a ser uma espécie de base dos *mujahideens* facilitando o apoio dos chineses, norte-americanos e árabes a estes e demais grupos que lutavam no Afeganistão. (FORIGUA-ROJAS, 2010)

⁶ Movimento islâmico ultraconservador com implicações políticas que surgiu na Arábia Central no início do século XVIII, quando Muhammad ibn 'Abd al-Wahhab começou a pregar a necessidade dos muçulmanos voltarem à doutrina de Islã de estrita obediência ao Corão e ao Hadih. Esse movimento levou à criação do Estado saudita. (HOURANI, 2006)

O presidente paquistanês, Zia-ul-Haq, teve pelo menos quatro razões para apoiar os *mujahideen* de forma extensiva. Primeiramente, em sua visão, a presença do Paquistão no Afeganistão, podia aumentar a influência regional do país. Ele também esperava que o Paquistão pudesse ter influência em uma eventual liderança no Afeganistão garantindo seus interesses no país. Uma terceira razão para o apoio era sua percepção de que o aumento de sua influência política na região pudesse ajudar em seus confrontos com a Índia. Além destas razões, Zia também acreditava que a União Soviética entraria em colapso ou se retiraria da Ásia Central, e em seguida a isso o Paquistão poderia utilizar sua presença no Afeganistão como forma de intensificar sua influência em toda a Ásia Central. (ARMAJANI, 2011)

Para exercer esta influência no Afeganistão, de acordo com Jon Armajani (2011), o Paquistão precisou estabelecer cinco fontes de ajuda externa. Em primeiro lugar, Zia convocou os líderes de vários países de maioria muçulmana para ajudar os *mujahideen* em sua guerra contra a invasão soviética de ocupação do Afeganistão, por conta da natureza anti-islâmica da União Soviética e do potencial da sua crescente influência na região. Com o tempo, os governos de vários países de maioria muçulmana passaram a apoiar os *mujahideen*, sobretudo financeiramente. Esses líderes acreditavam que a expansão soviética no Afeganistão e sua possível expansão futura para o Irã e outros países do Oriente Médio poderiam levar a uma dominação soviética da região.

A segunda das cinco frentes que Zia tentou apoiar durante a guerra soviética no Afeganistão foi a própria União Soviética. Durante a Guerra Fria, a União Soviética tinha sido um aliado político e econômico significativo do Paquistão, mesmo enquanto Zia apoiava os *mujahideen*. Em seu apoio aos dois lados opostos na guerra do Afeganistão, Zia tinha o objetivo de aumentar a influência do Paquistão no Afeganistão e na região de forma mais ampla.

A terceira frente que era importante para Zia era a relação do Paquistão com os Estados Unidos. Enquanto Zia pedia ao governo dos Estados Unidos ajuda militar que iria ajudar os *mujahideen*, seus pedidos continha exigências financeiras e em armamentos que excediam e muito, as necessidades ou capacidades dos *mujahideen*. Enquanto o presidente americano Jimmy Carter recusou estes pedidos aparentemente excessivos, depois que Ronald Reagan se tornou presidente em 1980, a maioria dos pedidos de Zia recebeu apoio.

A quarta frente de Zia era a relação do Paquistão com a China. A China forneceu ao Paquistão conhecimento e materiais para a criação de um programa nuclear civil no

país. Em parte, porque o papel do Paquistão como amortecedor contra União Soviética e em parte por seu apoio aos *mujahideen*. O presidente Reagan e o Congresso dos Estados Unidos fizeram vista, grossa intencionalmente, para o fato de que o Paquistão estava usando seu tratado e sua relação com a China como uma forma de construção seu programa de armas nucleares.

A quinta frente do Paquistão era o próprio Afeganistão. Zia usou a ISI (Inter-Services Intelligence, o serviço secreto do Paquistão), que era um braço militar e de inteligência de governo paquistanês no Afeganistão, cujos membros apoiaram ativamente os *mujahideen* no Afeganistão. (ARMAJANI, 2011) A maioria da ajuda externa recebida e que não era entregue diretamente aos afegãos era canalizada pelo Paquistão e o ISI, que distribuía os recursos para as diferentes organizações. (FORIGUA-ROJAS, 2010)

3.3. A resistência aos soviéticos: os *mujahideen*

Os *mujahideens* foram um grupo composto por diversas etnias, ligado pela União Islâmica *Mujahideen* do Afeganistão (estabelecida em maio de 1985). Havia sete partidos com base em Peshawar, no Afeganistão, três deles tendo como líderes um Ghilzai pashtun, um tendo como líder um pashtun oriental, um líder tadjique, e dois membros de grupos religiosos que reivindicam ascendência árabe. (RUBIN, 1989)

Os *mujahideen* foram estudantes nas *madrassas* (escolas de educação islâmica) regionais, estabelecidas, sobretudo, no Paquistão. Eles usavam parte do seu tempo para se envolver na guerra contra os soviéticos e no resto do tempo estudavam. Além do fornecimento de finanças por parte da Arábia Saudita e de outros países do Oriente Médio, também eram fornecidos subsídios substanciais a estas escolas, cujos ensinamentos eram estritamente de natureza islâmica. (ARMAJANI, 2011)

Com a invasão soviética do Afeganistão, as *madrassas* assumiram o papel de treinamento dos militantes e se tornou a única educação disponível para toda uma geração de refugiados afegãos. O número de *madrassas* aumentou de 900 em 1971 para mais de 8.000 oficiais e mais de 25.000 escolas não registradas em 1988. (SULLIVAN, 2007)

A maioria dos meninos afegãos depois de 1978, a geração do Talibã, foram educados por *madrassas*. Neste ambiente ideologicamente carregado, os refugiados afegãos encontravam uma disciplina baseada nos rígidos ensinamentos do Islã lá

aprendidos, que eram reforçados em toda a vivência que estes jovens tinham. (SULLIVAN, 2007)

Essa experiência nas *madrassas* permitiu que os *mujahideen* formassem fortes laços religiosos, políticos e sociais de uma forma que lhes proporcionou força física e psicológica que lhes permitia combater os soviéticos, que eles acreditavam ser membros ateus de uma sociedade que procurava destruir o Islã. Os professores das *madrassas*, tanto dentro como fora da sala de aula, ensinavam os alunos que a sua jihad física contra os soviéticos era semelhante à *jihad* física que Maomé, no sétimo século muçulmano, teve de travar dentro e perto de Medina, quando tentava proteger o Islã da destruição. (ARMAJANI, 2011)

Havia ainda outros grupos que complementavam as forças *mujahideen* na resistência aos soviéticos. Os árabes eram um destes, grupo composto em sua maioria por afegãos que se lançaram na guerra motivados por uma forte crença religiosa e um dever espiritual e acabaram apoando e permitindo a criação de organizações muçulmanas que propunham o ressurgimento do Islã a qualquer custo, inclusive com a utilização do terrorismo. Osama Bin Laden é um exemplo dessa participação, se tornando um dos principais financiadores. Além disso, intercalados entre os árabes e *mujahideen* havia a presença das tribos e além da luta contra os soviéticos, também se davam lutas entre os diferentes chefes tribais. (FORIGUA-ROJAS, 2010)

De acordo com Forigua-Rojas (2010) a guerra entre Afeganistão e União Soviética, que dura dez anos, possui quatro fases. A primeira delas vai de dezembro de 1979 a fevereiro de 1980, inicia-se com a invasão das forças soviéticas que procuram estabelecer bases nas principais cidades afegãs. Nessa fase a resistência *mujahideen* percebe que não tinham capacidade suficiente de enfrentar os soviéticos em combate direto e dividem suas unidades em grupos de guerrilhas de vinte a cem homens.

A segunda fase vai de março de 1980 a abril de 1985 e se caracteriza pela condução de operações de combate em grande escala, principalmente por parte dos soviéticos. Por terem sofrido baixas significativas durante a primeira fase do conflito, os *mujahideen* deslocam suas forças e operações para as regiões montanhosas, onde se torna praticamente impossível a utilização de equipamentos modernos para o combate por parte dos soviéticos, além disso, os *mujahideen* podiam se misturar com a população local para garantir a sustentabilidade de suas operações. Nessa fase o fator mais importante da guerra

é o crescimento absurdo dos *mujahideen* que no início de 1981 somavam cerca de 45.000 e passam a cerca 185.000 em 1985.

A terceira fase do conflito é marcada pela transição de governo na União Soviética e vai de abril de 1985 a janeiro de 1987. A chegada de Gorbachev à liderança na URSS faz com que passe a se discutir abertamente a situação no Afeganistão, crescendo a percepção da guerra como equivocada.

Em 15 de outubro, 1985, Gorbachev reuniu com Karmal para informá-lo que as tropas soviéticas deixariam o Afeganistão, aconselhando-o a dar mais importância ao Islã. Porém, Karmal se opõe à iniciativa do líder soviético, que conseguiu substituir Karmal por Mohammed Najibullah, da tribo pashtun e que tinha tratado do aparelho de segurança do país entre 1980 e 1986, trabalhando em estreita colaboração com os soviéticos. O novo governo entendeu que sem o Islã não seria possível governar o Afeganistão, pois ao considerar todos os ensinamentos que a sociedade do país vinha recebendo através das madrassas, e mesmo o contexto tribal que sempre existiu no país, a religião acaba por exercer um papel central por todo o Afeganistão, sendo aceita pela grande maioria da população como a melhor forma para guiar a organização política no país.

Com as medidas tomadas pelo novo governo e a diminuição da intensidade das operações militares, os *mujahideen* e os demais grupos de oposição se aproveitaram para expandir sua esfera de influência no país, rechaçando os chamados à paz e a reconciliação e exigindo a retirada total dos soviéticos do Afeganistão e reivindicando uma nova configuração estatal. No segundo semestre de 1986 os soviéticos começaram a deixar o país e realizaram a primeira retirada de tropas.

A quarta e última fase vai de janeiro de 1987 a fevereiro de 1989. No início desta, os afegãos mais informados sobre a situação em que o país se encontrava percebem que não havia solução militar possível para resolver os problemas existentes, sendo necessária uma “política de reconciliação nacional” que tem suas diretrizes definidas em uma reunião do Comitê Central do PDPA em dezembro de 1986.

Além disso, um acordo é assinado entre o Afeganistão e a União Soviética, para iniciar a retirada das forças soviéticas do país. Porém, para que esse acordo funcionasse, era necessário que o Paquistão deixasse de dar apoio aos *mujahideen*, e esta foi a principal questão que teve de ser discutida nas negociações entre afegãos e paquistaneses para a produção do “Acordo de Genebra para a resolução da situação política em torno do

Afeganistão”, sob os auspícios da União Soviética e dos Estados Unidos. O Irã se recusou a assinar o acordo e continuou a apoiar os *mujahideen* em seu território.

Em janeiro de 1987, as forças soviéticas deixam de lutar ofensivamente no Afeganistão indo ao combate apenas quando atacadas pelos *mujahideen*. Em 1988, Najibullah alcança algumas alianças internas, fortalecendo o PDPA e diversificando as relações externas do país. Porém, apesar desses avanços na política de reconciliação, os grupos de oposição continuavam ignorando esta política, querendo continuar com a *jihad* até que não restasse nenhum soldado soviético no Afeganistão.

Assim, em 7 de abril de 1988 a União Soviética decide remover completamente sua força militar do Afeganistão, o que ocorreria em duas etapas. A primeira seria realizada de 15 de maio a 16 de agosto do mesmo ano, período no qual, metade das forças deixaria o país. A segunda aconteceu a partir de 15 de novembro de 1988 e teve fim em 15 de fevereiro de 1989 quando se encerrou a intervenção soviética no Afeganistão.

Em 1989 os soviéticos deixam um devastado e desordenado Afeganistão, mas continuam a apoiar um regime comunista liderado pelo presidente Najibullah. Mesmo depois da expulsão dos soviéticos, os Estados Unidos continuam a enviar armas e dinheiro para os *mujahideen*, para auxiliar na derrubada do governo comunista que estava instaurado. Só com a queda da União Soviética, o apoio ao governo de Najibullah cessou e este foi obrigado a renunciar em 1992, instaurando-se um governo interino dominado pelos mujahideens. (SINNO, 2008)

De acordo com Sullivan (2007, pp 96):

A batalha entre os guerreiros *Mujahideen* apoiados pelos EUA e os ocupantes soviéticos e simpatizantes comunistas viu bilhões de dólares e enormes quantidades de armas serem despejadas no Afeganistão. Os soviéticos finalmente se retiraram do Afeganistão em 1989, após a assinatura dos acordos de Genebra, mas continuaram a apoiar um regime comunista liderado pelo presidente Najibullah. Com a queda da União Soviética, a linha de apoio de Najibullah secou, e ele foi forçado a renunciar em 1992. Esta história levou a toda uma série de explicações possíveis para o surgimento de vários grupos, incluindo o Talibã. (Tradução nossa)⁷

Com a desintegração do regime soviético, os *mujahideens*, anteriormente unidos por uma causa comum, passam a ter suas diferenças étnicas superpostas e passam a lutar

⁷The battle between US-backed Mujahideen warriors and the Soviet occupiers and communist supporters saw billions of dollars and huge quantities of weapons pumped into Afghanistan. The Soviets finally withdrew from Afghanistan in 1989 after the signing of the Geneva accords but continued to support a communist regime led by President Najibullah. With the fall of the Soviet Union, Najibullah's support line dried up, and he was forced to resign in 1992. This history led to a whole array of possible explanations for the rise of various groups, including the Taliban.

entre si por um lugar no governo. Os talibãs surgem neste cenário de contradições e disputas tribais no Afeganistão, acabam por se sobressair e por volta de 1996, conseguindo conquistar a maior parte das províncias do país, incluindo sua capital. Por ser um grupo que abriga apenas um grupo étnico (pashtun), e por possuir forte influência do extremismo religioso, a ascensão deste regime continuou a trazer consequências negativas para o Afeganistão, através da imposição de um rígido sistema de regras baseadas nos escritos islâmicos, que acabava por propagar a discriminação das minorias existentes no país.

4. Ascensão do Talibã e seu desenvolvimento político na realidade afgã

Com os acordos de Genebra de abril de 1988, a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, a queda do regime Najibullah em abril de 1992, além do fracasso subsequente dos sete principais grupos *mujahideen* na restauração do funcionamento de um governo nacional, o conflito no país perdeu sua importância geoestratégica para as potências mundiais, que, consequentemente, cortaram sua ajuda drasticamente. A guerra civil no país, no entanto, não cessou rapidamente, e os atores internos continuaram a receber apoio financeiro e logístico, principalmente dos países vizinhos (MAASS, 1999)

O Afeganistão se encontrava nessa situação no pós Guerra Fria. Além de ser um país fraco e fragmentado, estava também à beira da desintegração, e isso se dá, sobretudo pelas condições nas quais o país esteve inserido no período anterior, sendo um dos centros da luta por poder entre as grandes superpotências na Guerra Fria. O posterior desinteresse destas pelo destino da região com o fim do conflito mundial apenas agravou a situação. As estruturas estatais do Afeganistão continuaram a existir, em grande parte, por conta das manobras dos países vizinhos para retirar vantagens geopolíticas e econômicas com o vácuo de poder que veio a dominar a região no pós-guerra Fria. (GOODSON, 2001)

Com o fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, o Afeganistão encontra a sua posição geoestratégica ainda importante, mas por razões diferentes. Não é mais apenas um estado-tampão. O Afeganistão é agora uma encruzilhada entre Estados que querem e precisam de comércio, como o Irã e o Paquistão que estão envolvidos em uma luta pelo acesso à riqueza e pelos mercados minerais da Ásia Central. Além disso, o Talibã passa a exercer crescente influência dentro da estrutura paquistanesa. (GOODSON, 2001)

O desinteresse e a distância deixada pelos Estados Unidos na região e o enfraquecimento da Rússia no cenário mundial levam estes países a limitarem sua influência no Afeganistão no momento, permitindo que as potências regionais emergentes entrem na luta por posições na região. O Irã, o Paquistão, a Turquia e o Uzbequistão, são as principais destas potências regionais, que ao tentar aumentar sua influência na região acabam sendo levados para a guerra civil, aparentemente interminável do Afeganistão. (GOODSON, 2001)

Assim o governo e a economia formal do Afeganistão essencialmente deixaram de existir. A guerra civil multifacetada, violenta e turbulenta que se instaura no Afeganistão

com a saída dos soviéticos do país se agrava pelo evidenciamento das diferenças entre as regiões, etnias, clãs e religiões que já existiam por toda a história do Afeganistão. Entra em curso uma guerra entre as várias milícias afegãs. (ARMAJANI, 2011)

Os diversos grupos *mujahideen*, principais atores nessa guerra lutando contra a tentativa de dominação soviética, se utilizavam de uma política de resistência baseada na ideologia Islâmica adotada e nas etnias de seus líderes. Com essas divisões, percebe-se que os *mujahideen* não fizeram parte de um movimento uniforme, mas de vários grupos que lutavam pelo objetivo comum de resistir aos soviéticos, mas que conforme o tempo vai passando acabam por se enfrentar entre si, por suas diferenças étnicas e de doutrina.

A maioria dos comandantes era Sunita e os sete principais grupos *mujahideen* possuíam base em Peshawar, no Paquistão. Estes grupos formavam uma frouxa aliança chamada de União Islâmica dos *Mujahideens* do Afeganistão. Dos sete líderes desta aliança, havia três Ghilzai pashtun, um pashtun oriental, um tajique, e dois eram membros de grupos religiosos árabes ancestrais. Entre eles não havia nenhum Durrani⁸. (RUBIN, 1989)

Estes grupos podem ser vistos como a origem do Talibã, pois ambos os movimentos (o Talibã e os *mujahideen*) surgiram nas *madrassas* e por ser, aparentemente mais uniforme (sobretudo etnicamente) o Talibã conseguiu levar alguma vantagem na conquista das cidades afegãs no período que será analisado posteriormente.

Após a ocupação soviética do Afeganistão o país encontrava-se dividido em áreas de influência de diferentes senhores da guerra. A capital do país, Cabul, e a área que a cerca, além de algumas porções do Nordeste recebia um pouco de influência do presidente Burhanuddin Rabbani. Ismael Khan⁹ controlava a cidade de Herat e mais três províncias na parte ocidental do país. Um conselho (ou *Sura*) *mujahideen* formado no período da resistência afegã contra a ocupação soviética controlava Jalalabad e três províncias de maioria pashtun na parte oriental do Afeganistão desde o período de resistência contra a ocupação soviética. Gulbuddin Hekmatyar¹⁰ tinha o domínio de uma pequena área ao sudeste de Cabul. Rashid Dostum¹¹ exercia influência sobre seis províncias na parte norte do país (em Janeiro de 1994 retirou seu apoio do governo de Rabbani e aliou-se com

⁸Os Durrani são os membros da família real afegã, desde a formação do Império Durrani em meados do século XVIII. Mesmo com o fim do período imperial no país, os Durrani ainda são os principais líderes nacionais.

⁹Líder político afegão e comandante *mujahideen* de etnia tajique.

¹⁰Líder *mujahideen* afegão de etnia pashtun

¹¹Líder da comunidade uzbeque no Afeganistão

Hekmatyar para atacar Cabul). Na região central do Afeganistão, os membros da etnia hazara, a maioria dos quais são muçulmanos xiitas, controlava a província afegã de Bamiyan. Um grande número de senhores da guerra ex-*mujahideen* tinha dividido o controle do sul do Afeganistão entre si onde vários indivíduos, tribos e facções lutavam violentamente. (ARMAJANI, 2011)

Em meados de abril de 1992, a desintegração do governo soviético de Najibullah – instalado em Cabul – e a aquisição do capital por parte dos *Mujahideen*, liderados pelo comandante Ahmad Shah Massoud, abriram uma inicialmente eufórica, mas em última análise, outra fase dolorosa na evolução histórica do Afeganistão. (SAIKAL, 2004)

A queda do regime Najibullah em 1992 e o fracasso dos sete grupos *mujahideen* baseados em Peshawar, também faz com que a guerra que continuava a ser travada no território afegão caia no esquecimento internacional. Porém, quando o Talibã entra na cena política em outubro de 1994 a preocupação dos países do Ocidente volta a despontar para a região. (MAASS, 1999)

Em meio à tumultuada guerra civil afegã, professores e alunos de uma variedade de *madrassas* nas áreas de maioria pashtun do Afeganistão e do Paquistão enunciam os objetivos do Talibã, baseados em uma interpretação estreita dos ensinamentos do Islã. Eles queriam restaurar a paz na região, desarmar a população afegã que não era membro do Talibã e aplicar a mais estrita forma possível de lei islâmica no país. Essas idéias foram fortemente influenciadas pelos ensinamentos *Wahhabi* islâmicos espalhados nas *madrassas* do Paquistão e Afeganistão através das enormes quantias de dinheiro enviadas pelo governo saudita, particularmente nas fronteiras destes dois países. (ARMAJANI, 2011)

Os professores dessas escolas vieram de várias partes do mundo islâmico, incluindo o Paquistão e Egito, e trouxeram com eles as idéias islâmicas e técnicas pedagógicas de seus países de origem. Por exemplo, os professores do Egito, que tinham sido membros ou influenciadas pela Irmandade Muçulmana traziam essas idéias com eles, enquanto os membros do paquistanês Jamiat-i Islami trouxeram suas idéias e técnicas com eles. (ARMAJANI, 2011)

Assim, o Talibã – como o grupo islâmico no Paquistão e no Afeganistão passou a ser chamado mais tarde – surgiu, inicialmente, a partir dos estudantes das *madrassas* dentro das regiões fronteiriças predominantemente pashtun do Afeganistão e do Paquistão. (ARMAJANI, 2011)

As causas que levam ao fortalecimento deste grupo são considerados por muitos como obscuras e diversos autores buscam explicar as razões que levaram a tal. Daniel Sullivan (2007) coloca como principais a mobilização através da ideologia religiosa nas madrassas e o suporte externo (sobretudo do Paquistão) que o movimento recebeu após seu sucesso inicial. Outra série de fatores também são explicitadas pelo autor como fatores que favoreceram o sucesso do crescimento do movimento no país, como a etnicidade presente no Afeganistão (e o fato dos talibãs serem da maioria étnica), os ensinamentos fundamentalistas das madrassas e as condições sócio-econômicas do país.

A diversidade étnica é uma das principais características da sociedade afegã e é, ao mesmo tempo, um apoio e um desafio a ser superado pelo Talibã. Inicialmente, a etnicidade ajuda ao atrair os pashtuns, mas a etnicização foi um resultado indesejado e contraproducente da regionalização, em vez de uma estratégia de mobilização. O desafio foi visto especialmente quando o Talibã ultrapassou as áreas dominadas etnicamente pelos pashtuns. No entanto, mesmo em estágios mais avançados, a identidade predominantemente pashtun do Talibã seria uma parte fundamental do apoio paquistanês que, era fundamental para permitir que o Talibã pudesse controlar as áreas não pashtuns do Afeganistão. (SULLIVAN, 2007)

As condições sócio-econômicas agravadas pela guerra civil existentes no Afeganistão também foram outro fator que contribuiu para a ascensão do Talibã. Isso ocorreu porque a insatisfação da população em todo o Afeganistão e nos campos de refugiados no Paquistão, fez com que estes homens se tornassem recrutas fáceis para as *madrassas*, as escolas de educação islâmica nas quais o Talibã surge. (SULLIVAN, 2007)

Jean-Paul Gagnon (2012) coloca o imperialismo, ao qual o Afeganistão foi submetido ao longo da maior parte de sua história, como principal fator causal da religião ter ressurgido com tanto impulso no país surgindo como resposta natural dos povos que tentam manter suas identidades ante a dominação imperial. Para este autor, este radicalismo religioso é a principal base para a criação do talibã, que surge da carência de uma estrutura democrática no país.

4.1.Tentativas de governo *mujahideen*

Baseado em Saikal (2004) o período de tempo entre a queda do regime Najibullah e as primeiras vitórias do talibã é apresentado abaixo, mostrando como se deu a tentativa de

controle dos diversos grupos *mujahideen* em meio à guerra civil que se travava no Afeganistão.

Os *mujahideen* declararam um Estado islâmico no Afeganistão em 1992, pela primeira vez em sua história, e o domínio destes foi bem recebido por muitos afegãos na esperança do retorno do país à paz e a ordem. Porém, com o colapso do governo Najibullah se aproximando, os diversos grupos *mujahideen* permaneceram fragmentados evidenciando suas diferenças etno-linguísticas, tribais e de personalidade, como sempre. Os líderes dos sete principais grupos sunitas (seis deles dominados por pashtuns), que tinham suas bases no Paquistão, nunca conseguiram chegar a um acordo sobre uma plataforma política comum. Os líderes dos grupos xiitas minoritários, com base no Irã, também eram pouco coesos.

Estes problemas entre os grupos acabaram sendo agravados pela grande quantidade de dinheiro e armas fornecidos por diferentes clientes internacionais rivais que adotaram e incentivaram a maioria dos líderes destes grupos. Estes subsídios foram, em sua maior parte, canalizados para os *mujahideen* através do Paquistão.

Pequenas batalhas entre grupos *mujahideen* divergentes sempre existiram, e com a retirada soviética elas se agravaram cada vez mais, com a disputa de seus líderes pelo poder. Com isso, a resistência *mujahideen* não tinha a mínima condição de invocar quaisquer meios legais ou convencionais de reforma política para a criação de um governo islâmico de base ampla e representativa para substituir o regime de Najibullah.

Ahmad Shah Massoud foi o líder *mujahideen* que estava melhor posicionado para assumir Cabul. No entanto, o controle da capital pelas forças de Massoud não foi de nenhuma maneira completo, pois eles não foram capazes de impedir que outros grupos *mujahideen* ocupassem os subúrbios de Cabul. A cidade foi dividida entre diferentes facções, em 12 setores.

Em abril de 1992 diversos líderes dos grupos *mujahideen* com base no Paquistão, na tentativa de encontrar uma forma de sucessão política para o Afeganistão, forjaram o Acordo de Peshawar no dia 24. No acordo houve forte participação do governo paquistanês por parte do primeiro-ministro Nawaz Sharif. Nele ficou previsto um quadro para a formação de um governo interino, a ser implementado em duas etapas. A primeira medida seria retirar de Cabul, Sebghatullah Mojaddedi, líder de um pequeno grupo *mujahideen* pashtun. A segunda etapa seria a de permitir um prazo mais longo para as medidas provisórias do governo de coalizão liderado por Rabbani – cujo controle de Cabul através

de Massoud lhe proporcionou influência política adicional – para assumir o governo de transição por um período de quatro meses. Este era para ser seguido pela formação de um conselho para a constituição de um governo interino por 18 meses como um prelúdio para uma eleição geral para a criação de um governo popular.

No entanto, este acordo tornava-se fraco, porque havendo o descontentamento de apenas uma parte chave do esquema, todo o design do mesmo seria destruído. E isto foi precisamente o que aconteceu. A sede de poder de Hekmatyar e o apoio que ele angariou dos seus patronos do serviço de inteligência do Paquistão (o ISI), além do desprazer destes de não exercerem influência direta no comando do Afeganistão pós-comunista, levou-os rapidamente a agir contra o Acordo de Peshawar.

Em oposição a Massoud, Hekmatyar argumentava que ao abrigo do acordo a posição do primeiro-ministro não poderia ser subordinada a do Presidente, e que a posição do ministro da Defesa, ao qual Massoud tinha sido nomeado por Mojaddedi, deveria funcionar sob o comando do Primeiro Ministro. Embora os esforços de Mojaddedi para prolongar a sua presidência de transição de dois meses a dois anos houvesse criado dificuldades consideráveis entre ele e Massoud, que viam a implementação inabalável do Acordo de Peshawar como o melhor curso de ação, em última análise, foi o obstrucionismo dos aliados paquistaneses de Hekmatyar que tornaram o orquestramento do Acordo totalmente ineficaz.

Inicialmente, sob pressão, Hekmatyar nomeou um de seus assessores, Abdul Saboor Farid, para assumir o cargo de Primeiro Ministro, mas se recusou a entrar em Cabul e utilizou todas as desculpas possíveis para minar o governo Rabbani. Hekmatyar pediu que as tropas de Dostum (que eram seus aliados contra o governo) deixassem Cabul. Quando Rabbani aderiu a este ultimato, Dostum se recusou a cumprir e, por sua vez, solicitou a inclusão imediata de representantes do seu grupo no governo. Nesse meio tempo, outros grupos mujahideen estavam ocupados lutando entre si e os moradores de Cabul, em combates de rua. Cessar-fogos, tréguas e acordos de partilha de poder foram produzidos em quantidades cada vez maiores, e Massoud fez um esforço frenético para chegar a um acordo pessoal com Hekmatyar, oferecendo a demitir-se como ministro da Defesa. O líder do Hezb (Hekmatyar) foi nomeado primeiro-ministro nos termos de um acordo assinado em Islamabad em Março de 1993 e reafirmado em Meca.

No início de Agosto de 1992, Hekmatyar havia lançado uma barragem de foguetes contra Cabul, matando 1.800 civis e destruindo uma grande quantidade de partes do sul da

capital durante um período de três semanas. Ao mesmo tempo, Dostum, que tinha todo o tempo agiu como nada mais do que um senhor da guerra oportunista e prometeu criar uma "república secular democrática" no norte do Afeganistão. Esta ameaça de secessão parecia ser real: certo número de províncias do norte, sob a sua tutela, tinha forças armadas substanciais, uma economia autárquica e as boas relações com o Uzbequistão e a Rússia.

Como Rabbani e Massoud estavam tentando ampliar a base do governo, Hekmatyar, Mazari e Dostum, em associação com Mojaddedi, secretamente formaram uma nova aliança anti-governo, o chamado Shura-i Hamahangi ("Conselho de Coordenação"). Em 1º de Janeiro de 1994, eles lançaram um duro ataque em Cabul. Isso foi feito por iniciativa de um acordo entre eles e a ajuda dos serviços de inteligência paquistaneses e iranianos.

No entanto, apesar de todas as alianças que ele fez e a carnificina e destruição que ele engendrou, Hekmatyar foi incapaz de arrancar o poder de Rabbani e Massoud. Após a retirada soviética, Islamabad, essencialmente, teria gostado de ver um governo pashtun no Afeganistão, até por conta da identidade desta etnia com o Paquistão, mas como Hekmatyar não conseguiu tomar o país, o Paquistão passou a objetivos mais amplos.

Islamabad não poderia esperar que os novos líderes do governo islâmicos, especialmente Massoud (que sempre manteve a sua independência do Paquistão), subordinassem seus próprios objetivos nacionalistas, a fim de ajudar o Paquistão a realizar as suas ambições regionais. Embora originalmente, a nível político, Islamabad tivesse pouca escolha a não ser reconhecer essa realidade, foi dada carta branca ao ISI para fazer o que fosse possível para mudar o equilíbrio em favor das ações militares de Hekmatyar contra o governo Rabbani. Se não fosse pelo apoio e fornecimento de um grande número de foguetes e logística do ISI, as forças de Hekmatyar não teriam sido capazes de atacar e destruir metade de Cabul.

No entanto, o fracasso de Hekmatyar para alcançar o que se esperava dele levou os líderes do ISI a procurar uma nova força para a tomada do Afeganistão. Essa força foi o Talibã, ou a milícia islâmica sunita ultra-ortodoxa de jovens estudantes de madrassas pashtun ou escolas religiosas no Paquistão, que tinham vindo de ambos os lados da fronteira afegã-paquistanesa.

A maioria dessas madrassas são filiadas ao movimento político islâmico paquistanês conservador, o Jamiat-ul-Ulema-i-Islami (JUI), partido que têm suas raízes intelectuais na tradição Deobandi. Assim, o Talibã representa o ressurgimento das

tradições tribais rurais, e alega vir para limpar o país das impurezas trazidas com a modernização. (GOODSON, 2001)

4.2. Talibã: lideranças e objetivos

O Talibã apareceu formalmente em cena, pela primeira vez, no final do verão de 1994, quando passou a conquistar as cidades afegãs e várias teorias têm sido criadas sobre a natureza exata das suas origens.

O "padrinho" do Talibã foi essencialmente o então Ministro do Interior paquistanês, Nasserullah Babar. No final de 1994, ele recrutou, treinou e armou um número de estudantes das *madrassas* para se juntar a alguns ex-combatentes *Mujahideen* pashtun do sul do Afeganistão para fornecer proteção para um comboio paquistanês em rota para a Ásia Central através do Afeganistão. O sucesso inicial do grupo, que assumiu o nome "Talibã" (estudantes islâmicos) recebeu aprovação imediata e apoio militar do ISI e de outras lideranças do Paquistão. (SAIKAL, 2004)

Apoiar o Talibã constituiu uma grande mudança da clientela política do Paquistão no Afeganistão – longe de seu cliente tradicional (Hekmatyar) e em direção a uma nova (o Talibã) que compartilhavam da mesma ideologia islâmica, mas que tinham um fundo tribal mais aceitável, além de ser um grupo que não tinha tanta sobrecarga em bagagem política como Hekmatyar. Assim, o Talibã nasceu. (GOODSON, 2001)

O ISI adotou e ajudou no projeto de desenvolvimento do Talibã como uma força ideológica, fornecendo treinamento, armas, apoio logístico e dinheiro à milícia. O serviço de inteligência paquistanês defendia o extremismo ideológico da milícia e medidas fundamentalistas impostas como fundamentais para seu sucesso, alegando motivos morais mais elevados. Eles alegavam defender o povo afegão já cansado de conflitos, lutando contra as forças *mujahideen*, incluindo aquelas que representavam o governo islâmico moderado de Rabbani. (SAIKAL, 2004)

Os principais líderes do Talibã são pertencentes à etnia Kandahari pashtun, e muitos são Durranis. A maioria dos membros do Talibã eram muçulmanos sunitas pashtuns afegãos e paquistaneses que haviam lutado como *mujahideen* contra os soviéticos e ficaram profundamente frustrados com o caráter multifacetado das várias facções *mujahideen* e do comportamento criminoso de suas lideranças *mujahideen*. Estes membros do Talibã, além de aprender sobre o Islã a partir das *madrassas* nas áreas pashtun, tinham

aprendido suas habilidades de batalha com os *mujahideen*, muitos dos quais haviam sido treinados pela CIA. (ARMAJANI, 2011) (GOODSON, 2001)

Ao falar para muitos desses voluntários do Talibã, Rashid ficou impressionado com a diferença entre eles e os *mujahideen* que havia lutado na década de 1980. Ao contrário da geração anterior educada pelas *madrassas* (os *mujahideen*), os jovens membros do talibã tinham pouco conhecimento ou nenhuma memória das linhagens tribais, lendas, ou da mistura étnica complexa de sua terra natal. Muitos dos voluntários do Talibã cresceram em campos de refugiados no Paquistão. Estes voluntários mal sabiam sobre o Afeganistão e foram atraídos não por uma memória de uma pátria perdida. O que os motivava eram as visões de um Estado islâmico ideal, repassadas pelos professores das *madrassas*. A ideologia nutrida nestas escolas foi essencial para fornecer a disciplina necessária para a mobilização inicial da força militar. (SULLIVAN, 2007)

O Talibã apresenta-se como um movimento motivado pelo Islã, desejando unificar e purificar o Afeganistão. Mas, mesmo os próprios membros do grupo não falam a uma só voz sobre os objetivos de seu movimento, provavelmente porque o movimento cresceu muito além das expectativas de qualquer pessoa do seu sucesso. (GOODSON, 2001)

Goodson (2001) aponta cinco principais fatores que podem explicar como o talibã foi capaz de obter sucesso. O primeiro deles é a formação do talibã, que era constituído por membros da etnia pashtun, em sua maioria, que era também a etnia predominante das áreas que o movimento veio a controlar.

Os próximos dois fatores que explicam a ascensão do talibã estão interligados, sendo eles a ênfase na doutrina religiosa para motivar o grupo e o fato da população civil afegã já estar fatigada de tantas guerras. Isso se dava porque ao tomar o controle de um novo território, as primeiras ações do talibã sempre incluíam atividades religiosas. Além disso, o que mais dava credibilidade ao grupo era sua relativa falta de corrupção, pois todos os grupos *mujahideen* já se apresentavam como islâmicos.

Um quarto fator que explica a ascensão do talibã é dinheiro. Numerosos observadores experientes do Afeganistão moderno relatam que o Talibã usou o dinheiro para induzir comandantes opositos a mudar de lado ou se renderem. Subornar ou comprar a lealdade de comandantes opositos foi especialmente importante para o sucesso do Talibã. Consta que o dinheiro para esse fim veio da Arábia Saudita e outros países do Golfo Pérsico, contrabandistas de heroína, Osama Bin Laden, e do governo paquistanês.

Finalmente, o quinto fator que explica o sucesso do Talibã é o apoio paquistanês, que como já exposto anteriormente apoiou e fomentou o crescimento do movimento desde o seu surgimento. Diversos setores governamentais e privados do Paquistão podem ser caracterizados como responsáveis para tal, pois o apoio dado ao Talibã não ocorria de forma centralizada e se deu de variadas formas, tanto financeira, como logística. Os objetivos e a forma como se deu o apoio do Paquistão aos talibãs ainda será apresentado em mais detalhes ao fim do capítulo.

4.3. A conquista das cidades afgãs

As primeiras aparições do Talibã no cenário afgão se deram em outubro de 1994 quando capturaram a cidade no sul do Afeganistão de Spin Boldak e depois um comboio comercial do Paquistão, perto de Kandahar. (GOODSON, 2001)

No início de novembro de 1994, o Talibã havia se mudado para o norte para a cidade de Kandahar, onde, depois de dois dias de combates e a perda de apenas 12 soldados do Talibã, eles capturaram Kandahar e um esconderijo de armas, incluindo grande número de tanques, carros blindados, veículos militares, e outros equipamentos, muitos dos quais, ainda estavam em Kandahar desde a ocupação Soviética. (ARMAJANI, 2011)

No período entre novembro de 1994 e fevereiro de 1995 os talibãs foram capazes de assumir o controle de 12 das 32 províncias afgãs e seus membros passaram de cerca de 800 estudantes islâmicos, provenientes das *madrassas*, a cerca de 25.000 em fevereiro de 1995. (ARMAJANI, 2011; SAIKAL, 2012)

Em 5 de setembro de 1995, o Talibã conquista Herat e passa a ter o controle de toda a parte ocidental do Afeganistão, tendo o controle sobre 27 das 32 províncias do país, incluindo todo o comprimento da estrada de 880 quilômetros que liga a cidade paquistanesa de Chaman com a cidade afgã norte do Turghundi na fronteira com o Turcomenistão. Todas as cidades conquistadas passavam a ser governadas imediatamente através de regras medievalistas altamente brutais, que produziriam “segurança”, pela qual as pessoas ansiavam. Porém, os que se posicionassem contra eram discriminados violentamente, além disso, as mulheres e as minorias xiitas e quaisquer formas de práticas culturais e sociais que estivessem em desacordo com a compreensão do Islã do Talibã eram veementemente discriminados, mesmo que estes grupos não se pusessem ativamente. Eles

também permitiram o cultivo da papoula, a produção de heroína e o tráfico de drogas nas áreas sob seu controle como forma de incrementar as receitas para ajudar a financiar as suas conquistas territoriais e imposições políticas e ideológicas. (SAIKAL, 2012)

Como o Talibã ganhou vitórias militares rápidas e decisivas, especialmente durante 1994 e 1995, a maioria dos membros do Talibã acreditava que Deus lhes havia concedido essas vitórias. Esta interpretação da história islâmica desempenhou um papel crucial na catalisação do Talibã e ajudou o grupo a ganhar mais recrutas. A forma islâmica simples e direta do Islã, que esses jovens membros do Talibã haviam aprendido em suas *madrassas*, era a única forma de Islã que eles sabiam e deram a suas vidas um significado. (ARMAJANI, 2011)

O líder do Talibã, Mullah Omar, era visto pelos seguidores do grupo como um grande abençoado por Deus, que assim como havia abençoado as conquistas medievais dos muçulmanos contra seus inimigos, continuaria a abençoar o Talibã com vitórias. Esta representação de Mullah Omar dava a ele uma fidelidade por parte de seus membros muito parecida com a lealdade que os primeiros muçulmanos concediam ao profeta Maomé e aos califas que se seguiram (ARMAJANI, 2011)

Ele se aproveitava desta confiança religiosa dada a ele, que era aumentada por ele possuir o mesmo nome do segundo califa que deu sucessão a Maomé (Umaribn al-Khattab). Assim, Mullah Omar se aproveitava destas histórias míticas em seus discursos e interações com os afegãos, apresentando-se como o Umar moderno, que com a benção de Deus, iria conquistar todo o território e administrá-lo de maneira justa e de acordo com o Islã. (ARMAJANI, 2011)

Dessa maneira, através do uso da religião como um ato de teologia pública o principal líder do movimento Talibã conseguia angariar novos seguidores e motivá-los a lutar pela conquista do Afeganistão. Assim, a religião é utilizada como fonte de poder, como entendido por Mona Sheik (2011), pois a educação recebida pelos jovens membros do grupo provinda das *madrassas* faz com que o discurso utilizado por Omar se torne ainda mais fácil de ser propagado.

Destarte, a religião torna-se a organização política que fornece as regras de controle do país, e isso é aceito por grande parte da população (e os que não aceitavam acabavam sendo veementemente discriminados). Afirmando e possuindo a capacidade de fornecer segurança, justiça e ordem, como visto no primeiro capítulo, a religião acaba por exercer o

papel do Estado, possuindo as mesmas prerrogativas, e no caso do Afeganistão, torna-se a base que vem a reger as regiões conquistadas do país.

Assim, o Talibã ganha legitimidade dentro do Afeganistão através do uso da religião para justificar as atitudes tomadas no país, tendo maior facilidade de condenar a população que não aceitava suas prerrogativas por utilizar uma interpretação fundamentalista do Islã como a lei regente do Estado, e assim, acabar, mesmo que de forma não reconhecida internacionalmente, possuindo o monopólio legítimo da violência em grande parte do território nacional.

Além da oposição dos habitantes das províncias que o Talibã acabava tendo de enfrentar, havia também a oposição das tropas de Hekmatyar. Este, isolado e abandonado pelo Paquistão, se juntou a coalizão como primeiro-ministro, em Março de 1996, que estabelecia finalmente um governo de coligação em Maio de 1996, o que teria trazido autoridade e representatividade há quatro anos, mas agora se provou impotente diante da ameaça Talibã. Rabbani e Massoud fizeram um último esforço frenético para ampliar a base do seu governo, incluindo Hekmatyar o que resultou na contração da base de poder do governo ao invés de expandi-la. (SAIKAL, 2004)

Em março de 1996, mais de 1.000 líderes muçulmanos em sua maioria pashtun de várias partes do Afeganistão chegaram a Kandahar para uma grande reunião que tinha dois objetivos. Primeiro, os participantes dariam a Mullah Omar, principal líder do Talibã, sua aclamação pública completa como o verdadeiro líder do Afeganistão e líder dos muçulmanos em todo o mundo. Em segundo lugar, os participantes queriam discutir os próximos passos que o Talibã deveria tomar depois de ter conquistado quantidades substanciais do território afgão, incluindo Herat. (ARMAJANI, 2011)

Depois de mais de duas semanas de discussão e debate, todos os quais foram realizados em segredo com quase nenhuma exposição aos meios de comunicação, os participantes da conferência decidiram conferir a Mullah Omar o título de "Amir ul-Mu'minin" (o que significa "Comandante dos Fiéis") e continuar o esforço de guerra do Talibã para capturar Cabul. (ARMAJANI, 2011)

Depois de tentar tomar Cabul durante quase 18 meses, o Talibã conquistou a cidade no final de Setembro de 1996, enforcando o ex-presidente afgão, Muhammad Najibullah, que governou o país de 1986 até 1992. Após a tomada da cidade o grupo impôs os mesmos códigos de leis islâmicas que haviam sido impostos sobre os outros territórios que haviam conquistado. O Talibã usou o período climático frio e invernal de setembro de 1996 até

maio de 1997, para consolidar o seu poder e os recursos em Cabul e em outras partes do Afeganistão que eles controlavam. Durante estes esforços de guerra, o Talibã foi apoiado com homens e provisões dos governos do Paquistão e da Arábia Saudita, enquanto os adversários do Talibã (A Aliança do Norte) foram apoiados pelo Irã, Rússia e várias repúblicas da Ásia Central. (ARMAJANI, 2011)

Mesmo com a tomada de Cabul o controle sob o país nunca foi por completo do Talibã. As províncias do norte do Afeganistão, por exemplo, nunca foram totalmente dominadas. Após a consolidação do poder nas regiões já conquistadas, em maio de 1997, o Talibã começa a sua ofensiva sobre as cidades e províncias do norte, incluindo a cidade de Mazar-i Sharif, na província de Balkh, cidade praticamente intocada pelas guerras que assolavam o país e era protegida pelo senhor da guerra uzbeque Rashid Dostum, que conseguia manter a paz e uma relativa estabilidade na região. A província possuía sistemas de saúde e ensino eficientes, e homens e mulheres tinham liberdade significativa na forma de se vestir, pois antes da entrada do Talibã na região, a lei islâmica não desempenhava grande papel por lá. Mazar-i Sharif, assim como todo o norte do Afeganistão, são importantes não apenas por isso, mas principalmente por causa de seus recursos, possuindo cerca de 60 por cento dos recursos agrícolas do país e 80 por cento de sua antiga indústria, além disso, os depósitos minerais e de gás estão localizados nas áreas nortistas. (ARMAJANI, 2011)

A ofensiva dada em maio de 1997 se iniciou com o Talibã dominando as várias forças que defendiam Mazar-i Sharif, desarmando um grande número de soldados uzbeques e hazaras na região. Porém, essa foi a batalha mais difícil para o Talibã, tendo algumas das piores derrotas desde seu surgimento, mais de dois anos antes. Com massiva revolta da população local, cerca de 600 membros do Talibã foram mortos, além de 10 membros da liderança que foram capturados ou também mortos. Estes não eram totalmente familiarizados com a geografia da região de Balkh e foram severamente prejudicados pela falta de conhecimento da área. (ARMAJANI, 2011)

Com isso, o Talibã não conseguiu dominar completamente a cidade de Mazar-i Sharif e o norte do país como um todo, mas conseguiu o controle da maioria das províncias e da capital, exercendo rígido controle sobre estas áreas, como já visto acima. Assim, passaremos agora a elencar as motivações e de que forma se deu o apoio de alguns países ao conflito no Afeganistão.

Na verdade, apesar da aura de invencibilidade apreciada pelo Talibã, eles sofreram ao menos três derrotas significativas (Cabul, em Março de 1995, Herat em Abril de 1995, e Mazar-i-Sharif em Maio-Junho de 1997). (GOODSON, 2001)

4.4.Apoio externo

Sullivan (2007) descreve o apoio externo recebido pelo Afeganistão como o verdadeiro combustível que foi necessário para alastrar o fogo da guerra civil na qual o país se encontra. Com a queda da União Soviética e o colapso do governo Najibullah houve certa transição dos atores mais importantes no Afeganistão, e os principais países que já exerciam e continuam a exercer influência no país são a Rússia, os Estados Unidos, o Paquistão, o Irã e a Arábia, desempenhando um papel no conflito ao longo dos últimos 25 anos. Além disso, países como a China e a União Europeia como um todo exercem influência direta ou indiretamente na região. Não só Irã e Paquistão exercem influência lá em relação aos países da região, como também os novos países independentes (pós-desintegração soviética) possuem interesses na área.

A tática desses países tem sido facilitada pela natureza da guerra civil. No Afeganistão, os inimigos internos são divididos entre o Talibã e a Aliança do Norte, uma aliança multi-étnica de cinco membros, que sofre de rivalidades pessoais entre seus principais líderes, tornando-a ainda mais fragmentada. O Talibã, como já apresentado anteriormente, é composto etnicamente por pashtuns em sua maioria, tornando-se um movimento um pouco mais coeso. (MAASS, 1999)

O Irã serve como a ligação entre a Aliança do Norte e alguns outros Estados. Na região, os três vizinhos mais relevantes da Ásia Central são: o Turcomenistão, o Uzbequistão e o Tajiquistão e fora da região países como a Rússia, Turquia e Índia também exercem influência no país. Já o Paquistão se utiliza da mesma função, mas em defesa do Talibã ligando-o a Estados externos como a Arábia Saudita e os Estados Unidos. (MAASS, 1999)

A figura abaixo representa de que forma estes países exercem influência (direta ou indiretamente) no Afeganistão. Além deles, aparece também a China que exerce apenas uma influência difusa e não chega a contribuir significativamente para a mediação do conflito. A Rússia desempenha um papel importante em muitos aspectos, sobretudo por ter sido o principal país que resultou da divisão da União Soviética (que foi o país mais

influente na região no período anterior), mas desde a limitação de seus recursos que vem no período pós-Guerra Fria, ele é apresentado entre ator internacional e regional.

Os Estados Unidos estão envolvidos no conflito de muitas maneiras, aparecendo na figura com posição acentuada por isso. Suspeita-se que o país apóia o Talibã de maneira indireta e encoberta, mas mantém ao mesmo tempo contato estreito com os partidos membros da Aliança do Norte. Por fim, a União Europeia aparece apenas como um jogador distante sem interesses diretos no conflito.

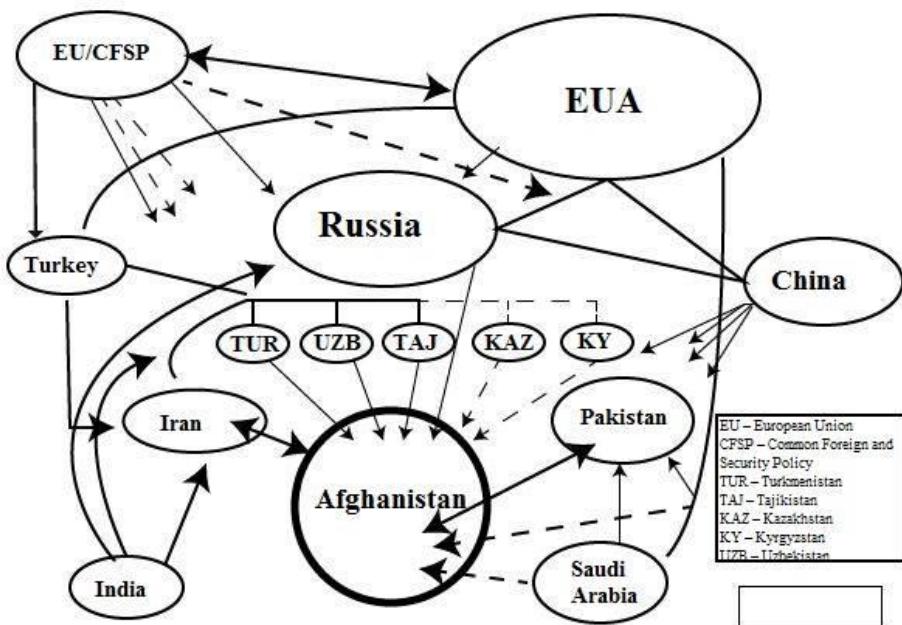


Figure 1. Afghanistan Conflict: External Involvement

Fonte: MAAS, 1999

O Talibã adéqua os interesses não só do Paquistão, mas também de todos os países apontados acima de maneiras diversas. Por ser um movimento que se declara sunita, sendo ao mesmo tempo anti-xiita e anti-iraniano, países como a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, e os Estados Unidos o apóiam com o objetivo comum de conter a República Islâmica do Irã. (SAIKAL, 2012)

Estes países ao exercerem influência no Afeganistão, são também importantes na forma como o Talibã se desenvolveu. Alguns deles investiram em armamento e apoio logístico ao grupo, como também, outros deles tentaram conter a expansão deste. Assim, segue algumas das motivações e formas como se deu o apoio ao talibã por parte destes países.

Paquistão

Desde o início do conflito, à época da invasão soviética, o Paquistão desempenha um papel especial no Afeganistão. O ISI (Inter-Services Intelligence), o serviço de inteligência do país, é suspeito de ter sido o verdadeiro “padrinho” do movimento, oferecendo apoio em termos logísticos, militares e conceituais, criando capacidades para que o Talibã tivesse a capacidade de se alastrar pelo Afeganistão. (MAASS, 1999)

Após a queda do regime comunista, o Paquistão surge como o país que mais exerce esforço e influência no que ocorre no Afeganistão. Seu apoio fez com o movimento religioso do qual se origina o Talibã tivesse capacidade de se organizar politicamente tendo objetivos em todo o país. O Paquistão pode ser entendido como o verdadeiro “padrinho” do Talibã que com o apoio financeiro da Arábia Saudita e a aprovação dos Estados Unidos, pode ser visto como o principal responsável pela existência e manutenção do Talibã. (SULLIVAN, 2007)

Os interesses do Paquistão no Afeganistão eram duplos, ao mesmo tempo que o país buscava assegurar a proteção das rotas de comércio para a Ásia Central, obtendo acesso geoestratégico a toda a região, havia também a preocupação em ganhar “profundidade estratégica” contra a Índia, que é a principal preocupação no que se refere a segurança do país. (MAASS, 1999) (SULLIVAN, 2007)

Nesse sentido, o principal interesse do Paquistão no Afeganistão é garantir apoio estratégico e econômico na Ásia Central em oposição à Índia. Apesar de não ser seu principal interesse, o Paquistão também se interessa no estabelecimento de um governo radical islâmico no Afeganistão, por sua simpatia com a doutrina islâmica, e também no sentido de possuir um governo favorável a si mesmo no país vizinho, estabelecendo interesses estratégicos e econômicos. (MAASS, 1999)

Sabe-se agora que o Talibã recebeu assistência paquistanesa significativa desde o início, incluindo ajuda em recrutamento e formação, armas e munições, apoio logístico, apoio financeiro, e até mesmo o envolvimento direto de agentes de inteligência militares paquistaneses e forças regulares (atirando em toda a fronteira em apoio ao ataque do Talibã em Spin Buldak em Outubro de 1994). Conforme o tempo passava, o envolvimento do Paquistão com os talibãs, que vieram de vários setores do governo paquistanês e da sociedade, tornou-se cada vez mais abrangente. (GOODSON, 2001)

O envolvimento do Paquistão com o Talibã já aparece desde o momento de sua emergência. Já em setembro de 1994, autoridades paquistanesas se reuniram com o Talibã. No entanto, este apoio ainda não era evidente, nem unificado, pois como já visto anteriormente, a ISI, ao mesmo tempo em que, fornecia apoio ao Talibã, também favorecia o ex-líder *mujahideen* Gulbudin Hekmatyar. (SULLIVAN, 2007)

Irã

Assim como o Paquistão, o Irã funciona como um Estado de articulação regional no Afeganistão. Sua influência deve ser analisada não apenas em função de sua estratégia regional, como também na tentativa de superar o isolamento internacional a que foi submetido pelos Estados Unidos. (MAASS, 1999)

Como uma reação direta ao avanço do Talibã, que logo tomou o controle da maioria das províncias afegãs, incluindo aqueles que fazem fronteira com o território iraniano, Teerã tem intensificado o seu apoio aos partidos xiitas (a maior parte hazaras étnicos) e com a conquista de Cabul por parte do Talibã, o apoio aos outros partidos membros da Aliança do Norte tem sido expandido. Contudo, os meios financeiros limitados do Irã tornem indispensável coordenar a sua assistência com o da Rússia, Índia e os Estados da Ásia Central. (MAASS, 1999)

Outros atores regionais: Estados da CIS (Commonwealth of Independent States) da Ásia Central

Os países da Ásia Central (que se uniram na CIS por possuírem religião e etnias compartilhadas) têm assumido uma posição pragmática, caracterizada por algumas diretrizes, sendo elas: a manutenção do status quo territorial; resistir defensivamente através do apoio à Aliança do Norte, defendendo a vontade de negociação; e além disso, perseguir seus próprios interesses econômicos sobre o perímetro que vai do Afeganistão ao Oceano Índico. (MAASS, 1999)

Arábia Saudita

É sabido que a Arábia Saudita sempre enviou maciça ajuda financeira e política, sobretudo através do Paquistão. Essa ajuda se baseava em três motivações principais, relativas ao interesses religiosos e ideológicos islâmicos (*wahhabismo*, forma de interpretação radical do Islã); aos interesses políticos de poder, aumentando a esfera de influência da Arábia Saudita na região; e também referente aos interesses financeiros e geoeconômicos, para dar suporte à companhia petrolífera saudita Delta na tentativa de garantir a uma participação no gasoduto que passaria pela região controlada pelo Talibã. (MAASS, 1999)

Turquia

A Turquia fornece apoio à Aliança do Norte se limitando a conceder apoio político. O país é motivado a intervir no conflito por ser contra a subversão ao islamismo e em propagar seu modelo social secular. (MAASS, 1999)

Índia

O interesse da Índia no conflito do Afeganistão pode ser visto em seu esforço para demonstrar seu poder vis-à-vis a Paquistão. Até agora, a Índia condicionou seu apoio a qualquer das facções afegãs em guerra que não se filiassem ideologicamente a este último. Para a Índia um governo estável em Cabul só seria bem-vindo e apoiado ativamente se fosse anti-Paquistão. (MAASS, 1999)

Estados Unidos

Com a saída da União Soviética do Afeganistão em 1989, os Estados Unidos continuaram a enviar algum dinheiro para o *mujahideen* através da ISI para derrubar o governo comunista que estava instalado no país. Mas o país foi perdendo importância estratégica para os Estados Unidos quando deixou de estar inserido no contexto da Guerra Fria (HARTMAN, 2002)

Com a entrada em cena dos Talibãs no Afeganistão, o governo dos Estados Unidos passa a apoiar sua ascensão ao poder, incentivando a Arábia Saudita e o Paquistão a apoiarem o grupo. Os EUA esperavam que o Talibã fosse como os sauditas, uma elite local apoiada com sua influência. (HARTMAN, 2002)

Apesar de sua negação pública de qualquer associação com o Talibã, na realidade Washington manteve um silêncio conspícuo sobre as violações dos direitos humanos e à forma de governança teocrática no país, tecendo apenas críticas silenciosas sobre como eles destruíram as instituições distributivas e administrativas do Afeganistão, transformando o país em um centro de cultivo da papoula, tráfico de drogas e atividades narco-econômicas. Esta indulgência continuou por quase dois anos, e só vem a ser realmente modificada após os ataques terroristas do 11 de setembro. (SAIKAL, 2012)

Rússia

A formulação de uma política referente ao Afeganistão não foi fácil para a Rússia, logo após o fim do período soviético. Moscou perdeu quase que totalmente o interesse no país e as relações diplomáticas foram cerceadas. Desse modo a Rússia se torna apenas mais um poder regional entre os vários que exercem influência na área, e seu principal objetivo se limita à tentativa de evitar o transbordamento dos movimentos islâmicos aos países da CIS, para isso o país fornece armas à Aliança do Norte, especialmente ao general Dostum. (MAASS, 1999)

A Rússia também tinha como objetivo um cessar-fogo no Afeganistão, desmilitarizando Cabul e o interesse em promover a formação de um governo de coligação no país, onde os talibãs e os outros grupos pudessem ser incluídos.

China

O oeste da Ásia Central desempenha apenas um papel secundário na política externa da China, e o Afeganistão, também, tem apenas uma importância limitada. A China não buscar influência política ou econômica direta, mas persegue planos ambiciosos para ser conectado ao sistema de gasodutos e transporte de petróleo e gás da Ásia Central. (MAASS, 1999)

No entanto, o conflito afegão coloca um problema de segurança para China: uma vez que as facções afegãs da guerra civil estão estreitamente interligadas com atores externos, o conflito transborda para a região da Ásia Central propenso a crises, pondo assim em risco a estabilidade em regiões da China, em particular em suas áreas de fronteira habitadas por minorias étnicas e religiosas. (MAASS, 1999)

Pequim considera o Talibã como o pior mal que já governou Cabul. Desde 1989, a China se recusou a reconhecer todos os governos, em Cabul, por terem sido considerados como não sendo representativos e não aceitáveis para todos os grupos étnicos. (MAASS, 1999)

Outros atores

Há também pessoas físicas e atores não-governamentais que contribuíram apenas com dinheiro para a causa Talibã. O financiador terrorista árabe Osama Bin Laden, a empresa de petróleo dos EUA, Union Oil Company Of California (Unocal), e os barões da droga paquistaneses e afegãos são ou foram outros atores privados importantes no Afeganistão. (GOODSON, 2001)

A ONU através de diversas de suas agências também exerce influência na guerra civil afegã na tentativa de fornecer ajuda aos refugiados. Outras organizações governamentais também trabalham no mesmo intuito, fornecendo reassentamento e reconstrução dando apoio para o repatriamento de refugiados. (GOODSON, 2001)

Porém o programa de ajuda humanitária internacional aos refugiados teve como conseqüência adicional fazer com que a guerra continuasse possível, pois os refugiados afegãos é que deram base ao movimento de resistência afegão, compondo o exército do Talibã.

5. Considerações finais

Considerando-se toda a trajetória pela qual passou e tem passado o Afeganistão, nota-se que a religião tem se tornado cada vez mais, um combustível para mudanças no país, e esta é utilizada pelo Talibã como forma de se legitimar no poder e para angariar seguidores para o movimento, através de um discurso baseado em uma rígida compreensão do Islã.

Assim, como descrito através da história recente do Afeganistão, o Talibã conseguiu se fortalecer por ser um movimento baseado em uma rígida disciplina religiosa que serviu de doutrina para a sua formação. A religião também vem sendo utilizada no país como doutrina, fonte de discurso para que os talibãs conseguissem reunir e multiplicar seguidores na busca pela purificação do país.

As causas que levaram ao fortalecimento do movimento, sobretudo o apoio externo e as bases religiosas islâmicas continuaram e continuam a fazer parte da cena afegã, influenciando na manutenção do regime no país.

Através da implementação da *Shura* – que baniu a música das rádios, os cinemas e as emissões de televisão, além de impor um código de vestimenta aos homens e mulheres (barba para os homens, e uso da *burqa* para as mulheres) – um rígido sistema islâmico foi imposto no país.

No início da dominação por parte dos talibãs, boa parte da população, sobretudo a masculina, via com bons olhos este “governo”, pois grande parte das áreas do país não teve de ser tomada pela força, seja pela junção da população local à milícia, ou fosse pela compra da lealdade dos líderes locais. (NORDLAND, 1996)

Destarte, o Talibã, de acordo com Goodson (2001) é um movimento social e milícia tribal administrando um país. Com o Talibã, há poucas estruturas governamentais significativas e pouco que realmente governar. Isso ocorre porque o poder não é legitimado internacionalmente. Além disso, as estruturas produtivas do Estado foram dizimadas em todos esses anos de guerra civil, e o cultivo e o tráfico de drogas vem sendo incentivado pelo Talibã, para angariar fundos para continuar a lutar pelo território do país. Apenas a Arábia Saudita, os Emirados Árabes e o Paquistão reconheceram o Talibã como governo oficial do Afeganistão.

Não só consequências de cunho governista foram deixadas com todo o conflito no país, o número de refugiados é também enorme. No início do século XXI, cerca de 1,2 milhões de refugiados afegãos continuam a viver no Paquistão, mais de 2 milhões a menos

do que os cerca de 3,3 milhões de refugiados que viviam em 344 acampamentos e aldeias no Paquistão no início da década de 1990. A grande maioria dos refugiados foi localizada dentro de 50 milhas da fronteira afgã na Província da Fronteira Noroeste e Baluchistão. (GOODSON, 2001)

As diferenças étnicas e religiosas e as lutas derivadas disso também continuam a assolar o país, sobretudo pelo fato de o Talibã, apesar de ser composto em sua maioria por pashtuns, e mesmo entre eles há diferenças de perspectiva havendo alguns mais moderados e outros mais radicais que também não conseguem manter suas diferenças longe de conflitos.

A proliferação de armas e o cultivo de drogas resultantes da liberação e incentivo dados pelo Talibã a eles também são graves problemas enfrentados pelo país. O tráfico, que pode ser defendido pela enorme quantidade de armas existentes no país, é o que financia a sustentação do Talibã atualmente, que perde cada vez mais a ajuda externa que recebia no momento de sua expansão. Com isso, a economia do país foi também dizimada, dependente quase que totalmente do tráfico de narcóticos (que parece ser o mais rentável para as elites locais), o que dificulta ainda mais a formação de um novo horizonte para o país, que seja livre de conflitos.

Além disso, as políticas restritivas adotadas em relação às mulheres são reconhecidas em todo o mundo, e por anos não se fez nada para impedi-las. Os direitos humanos são veementemente desrespeitados por todo o país pelo regime adotado pelo Talibã e a parte da população que se sente prejudicada não tem a quem recorrer.

O Talibã alegava vir para trazer a paz ao Afeganistão, mas essa paz ainda não chegou. E desde o 11 de setembro de 2001, com as atenções de todo o mundo, particularmente dos Estados Unidos, se voltando a observar o que vem acontecendo no Afeganistão, a guerra no país vem se reinventando.

Contudo, a intervenção realizada à época e que ainda persiste atualmente, ainda não encontrou meios de resolver a situação de um país que vive em guerra há décadas, sendo ainda difícil prever quando todo o conflito será finalmente encerrado.

Isso se dá, porque a intervenção realizada por parte dos Estados Unidos não leva em consideração a necessidade que o país tem de ter um governo baseado no Islã. E essa necessidade é decorrente ainda da educação recebida pelos membros talibãs, e por grande parte da população do país em *madrassas*, ou escolas do tipo, que deixam os habitantes do país imbricados da necessidade de um governo que se baseie no que dita o Alcorão. Além

disso, considerando-se o anti-ocidentalismo presente na maior parte da população da região, a implementação de um modelo de governo democrático, republicano ou de qualquer outra natureza que remeta ao mundo ocidental, tem dificuldades em ser aceito em um país onde a lei islâmica, apesar de muitas vezes ser radical e criar desigualdades, é sustentada e incentivada por grande parte da população do país.

Apesar do fundamentalismo islâmico norteando as direções políticas de um país ser um perigo iminente de desrespeito aos direitos humanos e da realização de radicalismos, sobretudo em um país já tão dizimado por todo o tipo de guerras em sua história recente, não há como haver a criação de um Estado laico no país, que tem a população tão enraizada religiosamente.

É necessário que se encontre um meio termo para a situação política e religiosa do país, que contém uma população que ainda tem enraizadas suas tradições tribais. Uma forma ocidentalizada de governo no Afeganistão jamais seria aceita por sua sociedade, mas o mundo também não pode fechar os olhos e deixar que um movimento fundamentalista tome as rédeas de um país, desrespeitando os direitos humanos de boa parte da população.

6. Referências Bibliográficas

AFGHANISTAN ETHNIC GROUP MAP. Maps of World. 2009. Disponível em: <<http://www.mapsofworld.com/afghanistan/afghanistan-ethnic-groups-map.html>>

ALTEMEYER, Bob; HUNSMERGER, Bruce. “Authoritarianism, Religious Fundamentalism, Quest and Prejudice.” *The International Journal for the Psychology of Religion*, 2 (2), pp. 113-133, 1992.

APPLEBY, R. Scott; MARY, Martin E. “Fundamentalism”. *Foreign Policy*, November 12, 2009.

ARMAJANI, Jon. “Afghanistan.” In: *Modern Islamist Movements : History, Religion, and Politics*. Wiley-Blackwell. Hoboken, NJ, USA2, pp. 188-217, 2011.

BOSEMBERG, Luis E. “Historia, diversidad, transformación y sentido del fundamentalismo islámico: una introducción”. *Historia Crítica*, núm. 20, pp. 143-160, julio-diciembre 2001.

FORIGUA-ROJAS, Emersson. “Guerra en Afganistán: La experiencia soviética” Pap. Polít. Bogotá (Colombia), Vol. 15, No. 1, 183-234, enero-junio 2010

GAGNON, Jean-Paul. “The Taliban Did Not Create the Taliban, Imperialism Did”. *Journal of South Asian Development*, 7(1), pp 23-42, 2012.

GOODSON, Larry. “Afghanistan’s Endless War: State Failure, Regional Politics and the Rise of the Taliban”. University of Washington Press, 2001.

HARTMAN, Andrew. “The red-template: US policy in Soviet-occupied Afghanistan”. *Third World Quarterly*, V 23, No 3, pp. 467-489, 2002.

HOURANI, Albert. “Uma história dos povos árabes”. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LASKA, Vera. “The Taliban, War, Religion and the New Order in Afghanistan by Peter Marsden”. Book Reviews. International Journal on World Peace, Vol. 18, No. 3, pp 85-88. September 2001.

MAASS, Cith D. “The Afghanistan conflict: external involvement” Central Asian Survey, 18 (1), pp. 65-78, 1999.

MOADDEL, Mansoor. “The Social Bases and Discursive Context of the Rise of Islamic Fundamentalism: The Cases of Iran and Syria”. Sociological Inquiry, Vol. 66 (3), pp 330-355, June 1996.

MURDEN, Simon. “Culture in World Affairs”. In: BAYLIS, John; OWENS, Patricia; SMITH, Steve (orgs). “The globalization of world politics” Oxford: Oxford University Press, 2001.

NORDLAND, Rod. “The Islamic nightmare”, Newsweek, 14 Oct. 1996.

POWEL, Sara. “The Taliban in Afghanistan”. The Washington Report on Middle East Affairs, December 2001.

RAJASHEKAR, J. Paul. “Islamic Fundamentalism: Reviewing a Stereotype”. Ecumenical Review, Vol. 41(1), pp. 64-72, Jan 1989.

RIEGER, Fernando; TEIXEIRA, Yves. “A URSS: Confronto de ideologias no pós-guerra e a invasão ao Afeganistão”. Anais do Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais – Integração Regional e Cooperação Sul-Sul no Século XXI, Porto Alegre/RS, Brasil, 20 a 22 de junho de 2012.

RUBIN, Barnett R. “Lineages of the State in Afghanistan”. Asian Survey, 28(11), pp. 1188-209, 1988.

RUBIN, Barnett R. “Saving Afghanistan”. Foreign Affairs, 86(1): 57-74, 2007.

RUBIN, Barnett R. "The fragmentation of Afghanistan". *Foreign Affairs*, Vol.68 (5), pp.150-169, Winter, 1989.

SAIKAL, Amin. "Modern Afghanistan: A History of Struggle and Survival". I.B. Tauris, 2004.

SANDAL, Nukhet Ahu. "The Clash of Public Theologies?: Rethinking the Concept of Religion in Global Politics." SAGE Publications, 2012.

SHEIK, Mona Kanwal. "How does religion matter? Pathways to religion in International Relations". *Review of International Studies*, v. 38, pp. 365–392, 2011.

SINNO, Abdulkader. "Explaining the Talibā's Ability to Mobilize the Pashtuns". In: CREWS, Robert D.; TARZI, Amin. "The Talibā and the Crises of Afghanistan". Editor: Harvard University Press, Cambridge, 2008.

SULLIVAN, Daniel P. "Tinder, Spark, Oxygen, and Fuel: The Mysterious Rise of the Talibā". *Journal of Peace Research*, vol. 44, no. 1, pp. 93–108, 2007.

TIME. "The Afghan Connection". *Time*, Vol. 121 (20), pp. 18, 05/16/1983.